CCDR LVT

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

setembro | 2026

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, o mês foi quente. Na maior parte dos dias as temperaturas máximas apresentaram-se bastante elevadas em relação aos valores normais para a época. Verificaram-se três períodos de calor mais intenso, com temperaturas acima de 35ºC, na primeira, na segunda e na terceira semana. As temperaturas máximas variaram bastante ao longo do mês, entre 41,2ºC e 23,7ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos, 36,8º e 24,4ºC na estação de Alcobaça e 29,9ºC e 17,6ºC na estação de Santa Cruz (Aeródromo). Os valores médios da temperatura máxima foram muito elevados face às normais climatológicas de referência (+4,6ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos e +4,0ºC na estação de Alcobaça). As temperaturas mínimas foram um pouco mais estáveis, mas também se apresentaram elevadas na maior parte do mês. As noites mais quentes, com temperaturas acima de 18ºC, verificaram-se na primeira semana, a meio e no final do mês. As temperaturas mínimas variaram entre 11,4ºC e 21,1ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos, 19,4ºC e 9,2ºC na estação de Alcobaça e 19,3ºC e 9,7ºC na estação de Santa Cruz (Aeródromo). Os valores médios da temperatura mínima foram superiores aos normais para a época, mas com diferença menos acentuada (cerca de +1,6ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos e +1,0ºC na estação de Alcobaça). As amplitudes térmicas diárias (diferença entre as temperaturas máxima e mínima observadas no mesmo dia) foram acentuadas num número significativo de dias. Os valores mais elevados de 26,9ºC, 23,5ºC e 19,0ºC, registaram-se respetivamente nas estações de Torres Vedras/Dois Portos no dia 3, de Alcobaça no dia 13 e de Santa Cruz (Aeródromo) no dia 20.

Até ao dia 23 o tempo decorreu principalmente com céu pouco nublado ou limpo e com períodos de maior nebulosidade junto ao litoral, durante a manhã ou ao final da tarde. A partir dessa data, os dias decorreram com céu muito nublado. Até meio do mês ocorreu quase diariamente formação de neblina ou nevoeiro matinal, favorecendo a prevalência de níveis mais elevados de humidade relativa do ar.

O vento foi geralmente fraco a moderado, apresentando por vezes intensidade forte junto ao litoral. Verificaram-se também alguns dias ou períodos diários de vento fraco. A orientação do vento foi principalmente dos quadrantes norte e noroeste, bem como de oeste em alguns dias.

A precipitação durante o mês foi baixa, bastante inferior ao normal para a época. Ocorreu principalmente nos últimos dias, sob a forma de períodos de chuva ou de aguaceiros.

Com o tempo quente e seco, o teor de água nos solos diminuiu ao longo do mês, com uma descida mais acentuada nos concelhos do Alto Oeste. Devido à precipitação nos últimos dias, mais elevada no Alto Oeste, esses concelhos registaram alguma recuperação e no final do mês as condições eram mais homogéneas em toda a região Oeste. O teor de água nos solos distribuía-se principalmente entre os índices CC [21, 40] e CC [11, 20], com a maior parte dos concelhos a registarem simultaneamente os dois índices. Além deste padrão, os concelhos de Alcobaça, Nazaré e Torres Vedras apresentavam algumas áreas pequenas no índice CC [41, 60], os concelhos do Cadaval e do Bombarral apresentavam áreas no índice CC [1, 10] e os concelhos de Alcobaça e Caldas da Rainha apresentavam áreas no ponto de emurchecimento permanente (PEP). Os concelhos de Peniche e de Arruda dos Vinhos encontravam-se totalmente no índice CC [21, 40].

À semelhança do mês anterior, houve disponibilidade de água para as culturas instaladas e para o abeberamento das espécies pecuárias, embora por vezes tenha sido necessária a adoção de planos de rega mais restritivos

dado as captações acusarem menor quantidade de água e as reservas superficiais apresentarem níveis de armazenamento mais baixos. Os caudais nas principais linhas de água eram adequados para esta fase do ano. As reservas de água subterrâneas mantinham níveis superiores ao normal para a época. As condições do tempo permitiram que as atividades agrícolas próprias da época decorressem sem interrupções. As temperaturas elevadas anteciparam os ciclos das culturas, levando a que as colheitas decorressem mais concentradas. Nos dias de calor mais intenso verificou-se escaldão solar em algumas culturas. O tempo seco aumentou as necessidades hídricas das culturas em desenvolvimento.

Nas vinhas de uva para vinho, as temperaturas elevadas adiantaram a maturação, resultando na obtenção de graus alcoólicos mais elevados. O tempo quente e seco causou alguma desidratação dos bagos. A precipitação no final de agosto prejudicou a produção levando ao desenvolvimento de podridão muito precocemente, que evoluiu com o avançar das colheitas. Na vinha para uva de mesa, as temperaturas muito elevadas durante a terceira semana provocaram bastante queimadura solar nos cachos apesar da vinha ainda apresentar uma boa cobertura vegetal. O calor e o tempo seco provocaram desidratação nos bagos.

Nos pomares de maçã, os períodos de calor mais intenso causaram escaldão solar nos frutos.

A precipitação, embora tenha sido em pouca quantidade, beneficiou os pomares de limão.

No olival, a pouca humidade noturna dificultou o processo de reidratação das azeitonas e o aumento de calibre. O tempo quente e seco provocou novo *stress* hídrico nos olivais em solos delgados e menos profundos.

As condições do tempo, designadamente de calor, aceleraram a secagem do milho para silagem, numa fase em que os produtores começavam a identificar algumas limitações nos recursos hídricos disponíveis.

No milho de sequeiro, as condições do tempo não interferiram na cultura por a mesma se encontrar em colheita.

O calor acelerou o desenvolvimento dos arrozais, antecipando o início da colheita. As temperaturas elevadas fazem estalar mais o grão, o que poderá aumentar a quantidade de trinca (arroz partido).

As temperaturas elevadas não prejudicaram a cultura do tomate para a indústria e o tempo seco permitiu que a colheita decorresse com normalidade. No entanto, a chuva que ocorreu no fim de agosto causou podridão nos frutos e perda de produção.

As condições do tempo não foram negativas para a cultura do girassol, que se encontrava em fim de ciclo.

Na batata de regadio, as amplitudes térmicas mais acentuadas em alguns dias, conjugadas com orvalheiras, criaram condições favoráveis à incidência de alternaria e desenvolvimento de podridão. As temperaturas elevadas condicionaram os calibres.

Relativamente às principais culturas hortícolas de ar livre, as condições do tempo foram boas para o crescimento das couves. Contudo, o mês foi muito quente e seco e as couves apreciam temperaturas mais frescas e mais humidade. As condições do tempo também promoveram a presença, com forte intensidade, de algumas pragas. A quantidade de produção disponível foi condicionada por uma primavera difícil que causou atraso nas plantações. Durante o mês não houve muita oferta, tendo havido alguma importação para satisfazer as necessidades do mercado. Estima-se que a disponibilidade de produção nacional normalize já em outubro e deixe de haver necessidade de continuar a importar. A qualidade das couves colhidas foi de um modo geral média a boa e os preços foram bons. Nas cenouras, além de ter havido necessidade de aumentar bastante a rega devido ao calor, as condições do tempo não influenciaram a cultura. Foram iniciadas as colheitas nos campos semeados em abril e maio. A produção disponível foi

insuficiente e houve importação de cenoura para compensar a falta de oferta nacional. A qualidade da produção foi média a fraca durante todo o verão, mas os campos em colheita no final do mês apresentavam um ligeiro aumento de qualidade, prevendo-se que esta melhore significativamente a partir do início de novembro. O tempo seco permitiu que a colheita das abóboras se realizasse em ótimas condições, embora ainda não estivesse concluída. De um modo geral, as produtividades obtidas correspondem às de um ano médio. A produção apresentou boa qualidade, embora com alguma percentagem de calibres pequenos, principalmente por restrições de água na cultura em sequeiro, devido ao facto de praticamente não ter chovido desde março.

Nas culturas hortícolas em estufa, os dias com bastante luminosidade e com boas condições térmicas diurnas e noturnas, favoreceram o desenvolvimento vegetativo, tendo sido necessário continuar a assegurar um ambiente arejado. Com as manhãs mais húmidas, a humidade relativa do ar ficou mais elevada no interior das estufas, com maior risco de desenvolvimento de problemas fitossanitários. Foram realizadas novas plantações de pepino e courgette. As colheitas da segunda campanha de tomate foram iniciadas, tendo-se registado uma valorização dos preços de mercado.

No **Médio Tejo**, o tempo em geral manteve-se muito quente e seco, registando-se temperaturas máximas com alguma oscilação ao longo do mês e as temperaturas mínimas denotavam valores mais estáveis. O valor médio da temperatura máxima foi muito superior ao normal para a época (+6,3ºC) e o valor médio da temperatura mínima foi ligeiramente superior ao respetivo valor normal para a época (+0,8ºC), de acordo com os registos disponíveis da estação meteorológica de Alvega. As amplitudes térmicas foram mais acentuadas do que no mês anterior, sendo os valores mais elevados, de 27,4ºC e de 30,8ºC registados no dia 3, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Valdonas e de Alvega.

Os dias decorreram predominantemente com céu pouco nublado ou limpo. Todavia, na primeira e na última semana do mês registaram-se alguns dias com maior nebulosidade, verificando-se períodos de céu muito nublado.

Ao longo do mês, o vento soprou predominantemente com intensidade fraca a moderada. Verificaram-se alguns dias de vento fraco.

A precipitação acumulada no mês apresentou-se pouco significativa e com valor muito inferior ao normal para a época, ocorrendo sobretudo nos últimos dias do mês na forma de períodos de chuva ou aguaceiros.

De uma forma geral, no final do mês, o teor de água no solo decresceu na região, situando-se maioritariamente nos índices CC [21, 40] e CC [11, 20]. Os concelhos de Abrantes, Tomar e Mação apresentavam áreas distribuídas por estes dois índices. Nos concelhos de Ourém, Alcanena, Torres Novas, Vila Nova da Barquinha e Constância predominava o índice CC [11, 20]. Nos concelhos do Entroncamento, Sardoal e Ferreira do Zêzere predominava o índice CC [21, 40].

Os níveis de armazenamento das reservas de água superficiais e subterrâneas mantinham-se acima do normal para a época, garantindo uma adequada disponibilidade hídrica para as culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

No que respeita à influência do estado do tempo nas culturas, de um modo geral, o tempo quente e seco acelerou a maturação e antecipou a colheita das culturas arvenses que se encontravam na fase final dos seus ciclos culturais.

As pastagens permanentes de sequeiro voltaram a secar sob o efeito do calor e da ausência de precipitação ao longo do mês, evidenciando reduzida capacidade de regeneração.

Nas vinhas para vinho, em especial nas castas mais tardias, verificou-se no final do mês uma elevada desidratação das uvas, com consequente prejuízo no rendimento da cultura. Nas vinhas de uva de mesa, particularmente nas castas mais tardias e em final de colheita, as temperaturas elevadas provocaram alguma desidratação dos bagos, com impacto negativo na qualidade, pela formação de uva desidratada (uva passa).

Nas figueiras, a precipitação ocorrida no final de agosto teve um impacto negativo na cultura, afetando a produção de figos vindimos quer em termos quantitativos quer em termos qualitativos. Os figos vindimos apresentaram-se com manchas escuras que reduziram significativamente a sua qualidade comercial.

Nas nogueiras, as condições meteorológicas não tiveram impacto significativo na cultura, que se encontrava na fase final do ciclo produtivo. Destaca-se apenas que a ausência de precipitação favoreceu o início da colheita e permitiu o seu normal decurso.

Nas amendoeiras, as condições climatéricas foram favoráveis à cultura e permitiram a realização da colheita de forma regular.

Nos olivais tradicionais de sequeiro, as temperaturas altas e ausência de precipitação, provocaram uma nova situação de *stress* hídrico nos olivais, principalmente nos localizados em solos delgados e pouco profundos, refletindo-se não só na coloração das folhas das oliveiras, mas principalmente na desidratação e consequente queda dos seus frutos. A pouca humidade noturna, não permitiu reidratar significativamente as azeitonas e aumentar o seu calibre. Nos olivais intensivos de regadio, as condições de tempo foram favoráveis ao crescimento dos frutos.

No milho de regadio, as condições meteorológicas, designadamente o tempo seco e as temperaturas muito altas promoveram a uniformização do estado de maturação e a secagem rápida dos grãos nos campos, antecipando e intensificando a operação de colheita.

No tomate para indústria, a ocorrência de precipitação no final de agosto acelerou o amadurecimento dos frutos, desfazendo o escalonamento da maturação entre os campos, reduzindo o período de colheita, com uma maior pressão e intensificação das operações no campo, tendo o calor seguinte tido algum impacto na cultura, pelo escaldão e podridões dos frutos. Estas situações contribuíram para perdas de produção.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as temperaturas máximas apresentaram-se bastante elevadas e com uma variabilidade significativa durante o mês. Os valores médios das temperaturas máximas foram muito superiores aos normais para a época (+4,8 ºC), de acordo com os registos das estações meteorológicas de Santarém e de Coruche. Nas temperaturas mínimas verificou-se uma maior estabilidade ao longo do mês. Os valores médios das temperaturas mínimas foram ligeiramente superiores aos normais para a época. As amplitudes térmicas foram mais acentuadas do que no mês anterior. Os valores mais elevados, de 24,8ºC e de 28,0ºC foram registados no dia 3, em ambas as estações.

Os dias decorreram principalmente com o céu pouco nublado ou limpo, tendo-se verificado alguns dias com períodos de maior nebulosidade, concentrados na primeira e na última semana do mês.

O vento foi predominantemente fraco a moderado e com alguns dias de vento fraco.

Ocorreu precipitação, muito pouco significativa, nos últimos dias do mês, sob a forma de períodos de chuva e aguaceiros.

Devido ao tempo quente e seco, no final do mês o teor de água no solo diminuiu de uma forma generalizada, no entanto, a situação encontrava-se mais favorável no Baixo Sorraia do que na Lezíria do Tejo. Em todos os concelhos do Baixo Sorraia predominava o índice CC [21,

40], verificando-se, no entanto, algumas áreas situadas no índice CC [11, 20]. Além disso, no concelho de Benavente registava-se uma pequena área no índice CC [1, 10]. Na Lezíria do Tejo, predominava o índice CC [21, 40] nos concelhos da Chamusca, Alpiarça, Almeirim e Cartaxo, que também apresentavam algumas áreas no índice CC [11, 20]; nos concelhos da Golegã, Santarém, Rio Maior e Azambuja, os solos encontravam-se maioritariamente no índice CC [11, 20] embora ainda com algumas áreas no índice CC [21, 40]. No concelho de Santarém também se observava uma área no índice CC [1, 10] e no concelho da Azambuja uma área no ponto de emurchecimento permanente (PEP).

As reservas de água superficiais mantinham níveis de armazenamento acima do normal para a época, contudo menores relativamente ao mês anterior. As águas subterrâneas mantinham níveis acima do normal para a época na margem norte do rio Tejo e na margem sul os níveis apresentavam-se inferiores. Apesar da diminuição dos recursos hídricos, verificou-se disponibilidade de água para o abeberamento de animais e para as necessidades das culturas instaladas.

Quanto à influência do tempo nas culturas, foi possível a realização sem interrupções dos trabalhos agrícolas próprios da época. De um modo geral, o tempo quente e seco teve um impacto negativo nas culturas, traduzido em perdas de produtividade e de qualidade. As mesmas condições climatéricas anteciparam o fim dos ciclos culturais, concentrando as colheitas em períodos mais curtos.

Nas vinhas para vinho, as temperaturas elevadas contribuíram para a desidratação dos bagos e para uma consequente quebra de rendimento nos últimos dias de vindima.

Nas vinhas de uva de mesa, as temperaturas muito elevadas provocaram escaldão intenso nas variedades mais sensíveis, como a Dona Maria. As mesmas condições térmicas e a ausência de precipitação provocaram desidratação nos bagos nas vinhas em sequeiro.

Nos citrinos, em particular nos pomares de laranja, a ocorrência de alguns dias com temperaturas demasiado elevadas para este período do ano, promoveu o aparecimento de pragas que causaram alguma desfolha nas árvores implantadas em terrenos mais arenosos, tendo ainda provocado escaldão nos frutos mais expostos à incidência dos raios solares.

Na cultura da amêndoa, as condições climatéricas permitiram que a colheita decorresse com normalidade, apesar do atraso inicial provocado pela precipitação ocorrida no final de agosto.

Nos pomares de nogueiras, as condições meteorológicas foram propícias à realização das colheitas, pela ausência de precipitação.

Nos olivais, de uma forma geral, as condições climatéricas permitiram um adequado desenvolvimento dos frutos, verificando-se em alguns olivais, uma antecipação da evolução da maturação. Este fenómeno foi mais evidente nos olivais de sequeiro, em que a baixa humidade não favoreceu a hidratação dos frutos, que se verificaram de calibre relativamente baixo. Nos olivais de regadio, não foi tão marcada a antecipação da maturação.

No milho para silagem, a temperatura muito alta para a época secou as plantas muito rapidamente. Nas culturas forrageiras de outono-inverno já instaladas, as temperaturas registadas poderão ter um impacto positivo.

No milho de regadio, as condições meteorológicas designadamente, as temperaturas muito elevadas e o tempo seco contribuíram para a secagem muito rápida do milho no campo, antecipando o início da colheita.

Nos arrozais, as temperaturas elevadas contribuíram para uma aceleração do desenvolvimento e maturação das plantas, antecipando o fim do ciclo. A chuva comprometeu em alguns casos a produtividade, quer por acama quer por desgrana.

No tomate para indústria, as chuvas no final de agosto e o calor que se seguiu tiveram um efeito muito negativo na cultura. Houve podridão, os ciclos não se completaram com normalidade, houve algum escaldão e os calibres foram menores. O conjunto destes fatores levaram a uma quebra acentuada na produção.

Na cultura do melão, o tempo quente reduziu a humidade causada pela chuva no final de agosto, permitindo que as colheitas decorressem com normalidade.

Na batata de regadio, as temperaturas muito elevadas diurnas e noturnas anteciparam os ciclos vegetativos e pararam o desenvolvimento da cultura. O calor excessivo fragilizou muito a qualidade da batata.

Na **Grande Lisboa**, o mês caracterizou-se por condições meteorológicas predominantemente quentes e secas, com reduzida nebulosidade, temperaturas superiores aos valores normais para a época e precipitação muito inferior ao padrão de referência.

A temperatura máxima média foi cerca de 4,3ºC acima da normal para a época. A temperatura mínima média mensal superou em aproximadamente 2,0ºC a média de referência. Em resultado destes valores, a temperatura média mensal, calculada a partir das temperaturas máximas e mínimas diárias, foi de aproximadamente 25,3ºC, valor superior em 3,2ºC à temperatura média normal para a época. Estes resultados evidenciam um mês significativamente mais quente do que o padrão de referência, com destaque para as temperaturas máximas, registando-se os valores mais baixos no final do mês. As temperaturas mínimas também permaneceram acima dos valores normais. Ao longo do mês não houve registo de grandes amplitudes térmicas, salvo nos dias 3, 12 e 24 em que se registaram diferenças significativas entre as temperaturas máxima e mínima na ordem dos 18,5ºC, 13,7ºC e 14,7ºC, respetivamente. Quanto à ocorrência de uma onda de calor (seis dias consecutivos com temperatura máxima diária superior em 5ºC ao valor médio de referência), a sequência de temperaturas elevadas observada entre os dias 19 e 24 não confirma uma onda de calor, uma vez que o dia 19 registou 31,6ºC, valor que atinge, mas não ultrapassa o limiar de diferença.

Relativamente à nebulosidade, ao longo do mês predominou uma situação de céu pouco nublado ou limpo, sobretudo durante a primeira quinzena e em vários períodos da segunda metade. Foi, contudo, observada maior nebulosidade junto à faixa costeira. Na parte final do mês, verificou-se um aumento da nebulosidade, mais evidente entre os dias 26 e 30, com predomínio de céu muito nublado, o que conduziu à precipitação registada no final do mês. Do ponto de vista agrícola, a predominância de céu limpo associada às temperaturas elevadas favoreceu a incidência de calor e a elevada evapotranspiração.

A intensidade do vento foi predominantemente fraca a moderada, embora tenham ocorrido episódios de vento mais forte, sobretudo na faixa costeira. Durante a primeira quinzena, as rajadas máximas diárias apresentaram valores variáveis, destacando-se os dias 9 e de 15 a 17 com rajadas superiores a 50km/h. Na segunda metade do mês, o vento manteve, em geral, intensidade moderada, com algumas oscilações. Contudo, no dia 29 registou-se uma rajada máxima superior a 50km/h associada à aproximação de um período de precipitação. A intensidade do vento constituiu um fator adicional de aumento das perdas de água por evapotranspiração, sobretudo nos dias com temperaturas elevadas.

A precipitação registada no mês foi muito reduzida e concentrada nos últimos dois dias. De acordo com os registos da estação meteorológica Lisboa/Geofísico, a precipitação acumulada correspondeu a aproximadamente 7% do valor normal para a época, o que foi insuficiente para assegurar uma reposição significativa das reservas de água no solo. O total mensal ficou, assim, muito abaixo do valor normal de

referência, evidenciando um défice de precipitação muito expressivo.

A humidade relativa diária do ar apresentou uma variabilidade considerável ao longo do mês, refletindo a evolução das temperaturas, o regime de vento e as condições de nebulosidade. Os valores mínimos particularmente baixos observados, coincidiram com períodos predominantemente quentes. Por outro lado, os valores máximos registados no início e no final do mês traduziram a ocorrência de condições de saturação atmosférica em determinados períodos do dia, compatíveis com situações de formação de orvalho e presença de neblina. Na perspetiva fitossanitária, os períodos de humidade atmosférica elevada poderão ter favorecido o desenvolvimento de determinadas doenças fúngicas.

No final do mês, a maior parte da área da Grande Lisboa apresentava-se predominantemente no índice CC [11, 20], com algumas particularidades em cada concelho: Odivelas, Amadora e Lisboa encontravam-se maioritariamente no índice CC [21, 40]; os concelhos de Loures e Oeiras maioritariamente no índice CC [11, 20]; Mafra apresentava no interior o índice CC [11, 20], na zona mais a oeste no índice CC [21, 40] e a sudoeste com uma pequena mancha no índice CC [41, 60]; o concelho de Vila Franca de Xira encontrava-se maioritariamente no índice CC [11, 20], com uma mancha a noroeste no índice CC [21, 40] e a nordeste com uma pequena mancha no índice CC [1, 10]; Sintra situava-se maioritariamente no índice CC [11, 20], com uma mancha a sudoeste no índice CC [1, 10]; Cascais situava-se maioritariamente no índice CC [11, 20], com uma mancha a oeste no índice CC [1, 10]. Esta distribuição espacial evidencia que as condições de disponibilidade de água no solo não foram uniformes na região, variando em função da localização, das características dos solos, da cobertura vegetal, do uso agrícola e das condições locais de evapotranspiração.

A reduzida precipitação mensal e a persistência de temperaturas superiores às normais para a época constituíram fatores desfavoráveis à recuperação das reservas hídricas superficiais e à recarga dos recursos subterrâneos. Este facto reforçou a necessidade de verificação regular do nível e da qualidade da água para o abeberamento das espécies pecuárias em regime extensivo, de forma a assegurar o acesso contínuo dos animais a água limpa e em quantidade adequada.

Quanto à influência do estado do tempo nas culturas, os prados e pastagens de sequeiro continuaram secos, em resultado da pouca disponibilidade de água no solo. Nos terrenos agrícolas com menor capacidade de retenção de água, nas culturas de sequeiro e nas pastagens, as condições climatéricas do mês condicionaram a recuperação do coberto vegetal.

Nas vinhas de uva para vinho, a ocorrência de temperaturas elevadas, que provocaram desidratação dos bagos e escaldão dos frutos, com maior incidência nas castas Syrah e Castelão, influenciaram o estado sanitário das uvas e o seu processo de maturação. A precipitação intensa ocorrida no final de agosto favoreceu algum aparecimento de podridão nos cachos, afetando sobretudo as castas tintas. Os prejuízos foram, contudo, parcialmente atenuados pelo regresso de condições de tempo quente e seco, que limitaram a progressão da podridão. A uva branca foi menos afetada, uma vez que uma parte significativa da produção já tinha sido vindimada aquando da ocorrência da precipitação de agosto.

Nas uvas de mesa, as elevadas temperaturas registadas ao longo da campanha provocaram danos significativos por escaldão dos bagos, com repercussões na sua qualidade comercial e na produtividade. Os efeitos foram particularmente evidentes nas variedades mais sensíveis ao calor, destacando-se a Red Globe, na qual os danos por escaldão terão afetado cerca de 40% da produção, e a Dona Maria, que, na sequência das temperaturas muito elevadas em meados do mês, apresentou danos intensos, estimando-se perdas de colheita na ordem dos 50%. A variedade Red Globe, embora menos afetada do que a Dona Maria, apresentou

também sintomas de desidratação dos bagos, situação agravada pelas condições de cultivo em sequeiro e pela reduzida disponibilidade hídrica. Na variedade Vitória, observaram-se bagos com aspeto de cozimento, associados à exposição a temperaturas elevadas, e valores reduzidos de sólidos solúveis, expressos em graus *Brix*, condicionando a qualidade comercial da produção.

Nas pomóideas, as condições meteorológicas permitiram a progressão da maturação das maçãs, possibilitando a realização da colheita das variedades com maturação mais precoce. Observou-se a evolução gradual dos parâmetros de maturação das variedades tardias, nomeadamente do calibre, do teor de sólidos solúveis, expresso em graus *Brix*, e da coloração dos frutos.

Nos limoeiros, as temperaturas elevadas registadas provocaram danos por escaldão nos frutos, comprometendo a sua qualidade e aptidão para a colheita. A intensidade dos danos foi suficiente para inviabilizar a colheita de parte da produção afetada.

No olival da região, de sequeiro, a reduzida humidade noturna não favoreceu a reidratação das azeitonas nem o aumento do seu calibre, contribuindo para uma maior proporção de matéria seca nos frutos, perspetivando-se reflexos potenciais no rendimento em azeite. O tempo quente e seco provocou um agravamento do *stress* hídrico nos olivais instalados em solos delgados e pouco profundos. Esta situação manifestou-se por alterações na coloração da folhagem e, sobretudo, pela desidratação dos frutos, seguida, em alguns casos, da sua queda prematura, com potenciais consequências na produtividade da cultura.

No milho grão de regadio, as condições meteorológicas quentes e secas foram favoráveis à fase final do ciclo da cultura, contribuindo para a aceleração da maturação e para a redução do teor de humidade do grão. Na presente campanha, o verão quente e seco precedido do inverno chuvoso, terão contribuído positivamente para a situação fitossanitária relacionada com o vírus do nanismo do milho (MRDV - Maize rough dwarf virus), observando-se uma diminuição da incidência das viroses face à campanha anterior, devido às condições climatéricas menos favoráveis ao desenvolvimento e à atividade dos insetos vetores deste vírus.

A cultura do arroz decorreu, de um modo geral, dentro da normalidade. Contudo, a precipitação registada no final de agosto, seguida de um período de temperaturas muito elevadas, terá provocado *stress* fisiológico durante o enchimento e a maturação dos grãos, favorecendo o aparecimento de fissuras internas e aumentando a percentagem de grãos partidos (trincas). A precipitação ocorrida no final de setembro condicionou igualmente algumas parcelas, quer pela ocorrência de acama, com o tombamento das plantas, quer por desgrana, com a queda espontânea de grãos, podendo estes fatores traduzir-se em perdas de produção.

A campanha do tomate para indústria ficou marcada por condições meteorológicas particularmente adversas na fase final do ciclo. A precipitação ocorrida no final de agosto, seguida de períodos de temperaturas muito elevadas, condicionou o processo de maturação dos frutos, com repercussões na coloração, no teor de sólidos solúveis e na produtividade das últimas searas a colher. Os picos de calor, que se fizeram sentir durante o mês de setembro, afetaram negativamente a maturação dos frutos e agravaram os riscos de escaldão e de desidratação das plantas. Nas searas mais tardias foi necessário prolongar a rega, de forma a evitar a desidratação das plantas, a intensificação dos danos por escaldão e a queda prematura dos frutos. As condições de humidade relativa elevada e temperaturas amenas verificadas no final de agosto favoreceram igualmente o desenvolvimento de doenças fúngicas, nomeadamente míldio. Posteriormente, o regresso de temperaturas muito elevadas favoreceu o agravamento da pressão de ácaros e de algumas pragas, contribuindo para uma senescência mais precoce das plantas. Como reflexo das condições meteorológicas referidas, os frutos colhidos em setembro apresentaram, em geral,

calibres inferiores aos das colheitas realizadas anteriormente, bem como sobrematuração e redução do teor de sólidos solúveis.

Na cultura de pimento para indústria, a precipitação ocorrida no final de agosto provocou a acumulação de água junto à base do caule das plantas o que, coadjuvado pelas elevadas temperaturas que se seguiram em setembro, levou ao desenvolvimento de podridões nos frutos.

Na **Península de Setúbal** o mês decorreu muito quente. As temperaturas máximas registaram valores acima do normal para a época, à exceção dos dois últimos dias. Ocorreram oscilações ao longo do mês, com tendência decrescente na última semana. Neste mês registou-se a ocorrência de uma onda de calor com a duração de 6 dias, entre os dias 19 e 24, na estação de Pegões. As temperaturas mínimas tiveram um comportamento mais regular ao longo do mês, com valores geralmente superiores ao normal para a época e com tendência crescente na última semana. As maiores amplitudes térmicas registadas foram de 26,8ºC na estação de Pegões e 23,6ºC na estação de Setúbal, respetivamente nos dias 3 e 24. As menores amplitudes térmicas observaram-se no final do mês, sendo o menor valor no dia 29, com 5,8ºC na estação de Setúbal e 11,5ºC na estação de Pegões.

O mês caracterizou-se pelo predomínio de céu pouco nublado ou limpo, alternando com períodos de maior nebulosidade, mais frequentes no início e no final do mês.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 25km/h a 30km/h), por vezes forte, principalmente em meados e no final do mês.

O mês decorreu muito seco. A precipitação, ocorreu de forma muito residual na região, praticamente sem significado.

A humidade relativa diária foi em geral inferior à registada no mês anterior.

Relativamente ao teor de água no solo, considerando a praticamente inexistência de precipitação, verificou-se o decréscimo do seu valor ao longo do mês, registando-se maior área com valores inferiores ao registados no mês anterior. Assim, no final do mês a maior parte dos solos encontravam-se no índice CC [11, 20]. No índice CC [21, 40], estavam as zonas norte e centro/sul do concelho de Palmela, zona este do concelho de Setúbal, zona nordeste do concelho de Sesimbra, zonas sudeste e noroeste do concelho do Seixal, norte do concelho de Almada, e o concelho de Alcochete. Comparativamente a igual período do ano anterior, a situação era então e em geral mais favorável.

No que respeita aos recursos hídricos, apesar de se verificar algum decréscimo, as barragens da região mantinham ainda níveis satisfatórios para a época. Também os cursos naturais e os aquíferos subterrâneos continuavam com reservas de água. Não se verificaram situações de escassez de água para a rega e para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo na agricultura, de salientar o tempo seco e as temperaturas elevadas para a época. Estas condições permitiram a realização das colheitas nas diversas culturas. No entanto, tiveram consequências no seu desenvolvimento, bem como na qualidade e quantidade das produções obtidas.

No que se refere às vinhas para vinho, apesar das perspetivas inicialmente favoráveis para a campanha, a precipitação no final de agosto e as temperaturas elevadas em setembro condicionaram significativamente a evolução da cultura, com alterações ao nível da maturação da uva.

No que respeita às tangerineiras mantiveram-se condições favoráveis ao desenvolvimento e à evolução dos frutos. A ocorrência de precipitação contribuiu para a melhoria das condições de humidade do solo, embora

a gestão da rega tenha continuado a assumir importância, sobretudo durante os períodos de maior temperatura e menor disponibilidade hídrica.

Na cultura de milho de regadio, as temperaturas elevadas e a ausência de precipitação favoreceram uma rápida perda de humidade dos grãos e aceleraram a sua maturação e secagem natural. Assim, a colheita ocorreu com teores de humidade relativamente baixos, o que permitiu reduzir as necessidades de secagem e os respetivos custos energéticos.

Na cultura do arroz, as temperaturas elevadas aceleraram a maturação do grão, antecipando a colheita.

Na cultura de tomate para indústria, a precipitação de final de agosto, associada a elevadas amplitudes térmicas diárias, dificultou a conclusão normal do ciclo vegetativo das plantas, contribuindo para uma redução da produção e da qualidade dos frutos. As temperaturas elevadas em setembro aceleraram significativamente o desenvolvimento e a maturação dos frutos, de forma pouco favorável à cultura. O excesso de calor condicionou a qualidade dos frutos, a nível da diferenciação da cor e da acumulação de sólidos solúveis (grau *Brix*).

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações monitorizadas.

Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nas vinhas de uva para vinho, a situação mais marcante em termos fitossanitários foi o desenvolvimento de podridões (cinzenta e acética) que surgiram com o aumento da humidade na sequência da chuva no final de agosto. Em algumas vinhas, os picos de calor e os dias com níveis mais baixos de humidade relativa do ar permitiram a secagem das zonas afetadas pela podridão. Noutras vinhas isso não sucedeu e a podridão alastrou com o avanço da vindima.

Nas vinhas de uva de mesa também se registaram focos de podridão e a presença de mosca branca, que causaram nalgumas vinhas perdas significativas de produção. Os cicadelídeos mantiveram-se num nível baixo.

Nos pomares de pereiras aumentou a presença de psila, com surgimento de algumas meladas e fumagina. Nos pomares de maçã verificou-se elevada incidência de pulgão lanígero. As capturas de mosca do Mediterrâneo foram elevadas, tendo-se observado frutos picados. O fogo bacteriano apresentou uma incidência baixa a média. Nos frutos verificou-se algum estalamento das lenticelas (desordem cutânea que afeta severamente a qualidade visual e a conservação dos frutos).

Os pomares de limão mantiveram boas condições fitossanitárias.

No olival, não foram identificadas ocorrências fitossanitárias com impacto na cultura.

O milho para silagem manteve boas condições fitossanitárias, apenas a salientar alguns ataques de piolho no Baixo Oeste.

Na cultura do arroz, o mês foi tranquilo em termos fitossanitários. Apenas de salientar a presença de

infestantes em elevada concentração (superior ao habitual).

No tomate para a indústria, verificou-se o desenvolvimento de podridão nos frutos, que levou à perda de produção, devido às chuvas ocorridas no final de agosto.

Na cultura do girassol, em fase de fim de ciclo não foram identificados problemas fitossanitários.

Na batata de regadio continuou a verificar-se presença de míldio e de alternaria. Apesar da pressão não ter sido muito elevada, contribuiu para uma ligeira redução da produtividade. Os preços baixos pagos à produção, desmotivaram a manutenção de uma proteção adequada da cultura no final de ciclo.

Nas culturas hortícolas de ar livre, devido ao tempo quente e seco, nas couves houve muita intensidade de afídeos (piolhos) e de mosca branca. Nos anos mais recentes, estas duas pragas têm-se apresentado com uma grande intensidade nas couves e o combate tem sido cada vez mais difícil perante a falta de ferramentas que os produtores enfrentam com a retirada de substâncias ativas do mercado. Devido ao aumento da humidade e com a continuação das temperaturas altas, no final do mês houve problemas de *Botrytis* (podridão cinzenta) e de alternaria em alguns campos de brócolos, uma vez que as variedades de verão são mais sensíveis a estes problemas fitossanitários. Se as temperaturas se mantiverem elevadas em outubro prevê-se que o problema venha a persistir e mesmo a agravar-se. Nas cenouras, houve alguma presença de alternaria, principalmente nos produtores mais descuidados. Nas abóboras houve presença de afídeos, que também estão a ser uma praga difícil de combater. Durante o armazenamento a sua presença constitui um problema difícil de controlar. Os afídeos picam as abóboras e essas perfurações conduzem à instalação de fungos como a fumagina e a *Botrytis*, causando o seu apodrecimento.

Nas culturas de hortícolas em estufa, continuou a registar-se a presença de *Tuta absoluta*, mosca branca e *Botrytis* ou podridão cinzenta, no tomate. A incidência das doenças e os ataques de pragas mantiveram uma intensidade baixa e os tratamentos realizados foram eficazes. Não foram identificados prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nas vinhas de uva para vinho, destacou-se a elevada incidência de cigarrinha, cuja presença foi particularmente intensa ao longo desta campanha. A praga manteve-se ativa mesmo durante o período de vindima nas castas mais sensíveis, nomeadamente Alicante Bouschet e Aragonez, o que obrigou à realização de tratamentos fitossanitários para o seu controlo.

Nas nogueiras, não foram identificadas ocorrências fitossanitárias significativas.

Nos olivais, em geral, não foram identificadas ocorrências fitossanitárias significativas.

No milho de regadio, nesta fase de colheita não se identificaram ocorrências relevantes. A presença dos javalis nos campos reduziu.

No tomate para indústria, ao longo do mês não foram identificadas situações fitossanitárias, após os habituais tratamentos preventivos no seguimento do período de chuvas em agosto.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho, a praga que mais impacto teve na cultura foi a cigarrinha verde. Foram feitos tratamentos nas vinhas novas, por forma a não comprometer o crescimento vegetativo das mesmas. Nas vinhas em produção não foram realizados tratamentos.

Nas vinhas para uva de mesa, a incidência de cicadelídeos diminuiu relativamente ao mês anterior, tendo-se registado uma intensidade baixa.

Nos pomares de citrinos, em especial de laranja, o mês decorreu com alguns problemas fitossanitários que se manifestaram principalmente na segunda quinzena e com uma incidência de pragas superior ao habitual para este período do ano. Para além da mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), normalmente presente neste período, surgiram também ataques de ácaros que causaram alguma desfolha nas árvores implantadas em terrenos mais arenosos, bem como ataques de cochonilha H. Foram realizados tratamentos fitossanitários para as pragas identificadas que permitiram melhorar a situação dos pomares.

No amendoal, não foram identificadas ocorrências fitossanitárias significativas, uma vez que a cultura se encontrava em fim de ciclo. No pós colheita, foram realizados tratamentos à base de cobre em alguns pomares para evitar o surgimento de gomose, face às lesões nos troncos e desfolha das árvores, provocadas pela colheita mecânica.

Os pomares de nogueiras apresentavam um bom estado fitossanitário.

Nos olivais, ocorreram ataques de mosca da azeitona com alguma incidência, tendo sido oportuna a realização de novos tratamentos.

Na cultura do milho, em termos de doenças a situação mais relevante foi a surgimento de septoriose (*Septoria* spp.) em algumas searas, que se desenvolve habitualmente na fase da maturação do grão (julho e agosto). A doença pode levar à secagem de toda a área foliar, reduzindo drasticamente a fotossíntese e enfraquecendo o colmo, gerando o acamamento da planta. Em termos de infestantes, evidenciou-se a presença de figueira do inferno (*Datura stramonium*). Continuou a registar-se presença de javalis, mas com menor intensidade do que no ano anterior. No entanto, houve estragos significativos nas searas, na fase de desenvolvimento do grão.

Na cultura do arroz, não se verificaram ocorrências significativas de doenças e pragas. Em termos de infestantes, continuou-se a registar a forte presença de milhãs (*Echinochloa* spp.) e de arroz bravo. Registaram-se ocorrências pontuais provocadas por javalis.

Na cultura de tomate para indústria, o mês decorreu com os problemas normais. A pressão da *Tuta absoluta* aumentou, situação habitual com o avanço da colheita. Verificaram-se ainda alguns ataques de ácaros e de mosca branca, e ainda focos de míldio. A grande preocupação é relativamente ao próximo ano, com menos ferramentas para controlar as pragas porque vão ser retiradas substâncias do mercado.

Na cultura de melão, em termos de ocorrências fitossanitárias, o mês decorreu com normalidade. A situação mais relevante foi o aparecimento de algum oídio, mas não foi significativo. Na fase de colheita não foram feitos tratamentos.

Na batata de regadio para a indústria, o problema fitossanitário mais relevante na fase final do ciclo da cultura foi a pressão de pragas de solo com alguma intensidade, devido ao tempo quente e seco, especificamente do bicho-alfinete (*Agriotes* spp.), que na fase larvar fura os tubérculos e deprecia a qualidade. Em alguns campos verificaram-se prejuízos elevados tendo ficado batata por colher. As soluções existentes para controlo da praga, são dirigidos à plantação, faltando produtos com eficácia para a fase final da cultura.

Grande Lisboa

Nas vinhas de uva para vinho, no início do mês foram realizados tratamentos fitossanitários contra o míldio, com o objetivo de assegurar a proteção da vinha durante a fase final do ciclo vegetativo e da maturação dos frutos. Não foram reportadas outras ocorrências relevantes de pragas ou doenças durante o período em análise.

Nas vinhas de uva de mesa, a principal ocorrência registada durante a campanha foi a podridão cinzenta, causada pelo fungo *Botrytis cinerea*, que afetou

particularmente a variedade Sugraone. A elevada suscetibilidade desta variedade à doença traduziu-se em perdas significativas de qualidade dos bagos, comprometendo a sua aptidão comercial. Face aos prejuízos recorrentes associados a esta doença, prevê-se, em algumas vinhas, o arranque da variedade Sugraone e a sua substituição pela variedade ARRA 30, numa perspetiva de adaptação do material vegetal às condições de produção e de redução dos riscos fitossanitários. Relativamente às pragas, as populações de cicadelídeos mantiveram-se em níveis baixos, não tendo sido assinalados, no período em análise, problemas relevantes associados a estes insetos. Não foram disponibilizados registos de outras ocorrências fitossanitárias ou de tratamentos específicos realizados durante o mês.

Nos pomares de pereiras, verificou-se um aumento da presença de psila, tendo sido observada, em algumas situações, a ocorrência de melada e o consequente desenvolvimento de fumagina na superfície dos órgãos vegetais. Estes sintomas podem comprometer a atividade fotossintética das folhas, com potenciais repercussões no vigor das árvores. Nos pomares de macieiras da região não foram disponibilizadas informações relativas a tratamentos fitossanitários realizados durante o mês, nem a ocorrências relevantes de pragas ou doenças.

No limão, a traça do limoeiro manteve-se presente nos pomares, continuando a provocar prejuízos sobretudo nos frutos jovens. Os ataques traduziram-se na formação de perfurações superficiais e galerias no interior da polpa, afetando o desenvolvimento e a qualidade dos frutos. Os frutos afetados apresentavam maior suscetibilidade à queda prematura, contribuindo para a redução da produção comercializável. Não foram reportadas outras ocorrências fitossanitárias relevantes ou tratamentos específicos durante o período em análise.

No olival, nas azeitonas das variedades mais precoces já sujeitas a colheita, observaram-se, de forma generalizada, feridas e cicatrizes associadas a posturas da mosca da azeitona e à atividade das larvas desta praga. Estes danos poderão contribuir para perdas quantitativas, nomeadamente através da queda prematura da azeitona e, ainda, comprometer a qualidade da matéria-prima destinada à transformação, potenciando o aparecimento de defeitos qualitativos no azeite. Contudo, não é ainda possível quantificar os prejuízos associados.

No milho, a presença de javalis continuou a constituir um dos principais constrangimentos à produção, sendo motivo de preocupação para os agricultores desde a instalação da cultura. Os prejuízos provocados por estes animais têm sido significativos, com perdas de produção e danos nas parcelas. As medidas de controlo anunciadas, que preveem compensações financeiras associadas ao abate de javalis em zonas com sobrepopulação, na presente campanha ainda não se encontram regulamentadas, pelo que não produziram efeitos práticos. Relativamente às infestantes, a presença de figueira do inferno (*Datura stramonium*) manteve-se em níveis semelhantes aos observados na campanha anterior. Nas parcelas com melhor condução técnica, sujeitas a operações mecânicas de controlo realizadas atempadamente e a intervenções fitossanitárias adequadas, a sua presença não comprometeu significativamente a cultura. Importa, contudo, salientar que a figueira do inferno é uma infestante de elevada toxicidade, cuja presença no milho grão pode comprometer a segurança alimentar e a aptidão comercial da produção. A contaminação das colheitas com esta infestante pode determinar a rejeição dos lotes, em função dos requisitos regulamentares aplicáveis à proteção da saúde humana e animal, pelo que se mantém fundamental assegurar as medidas preventivas e de controlo. No que respeita ao vírus do nanismo do milho (MRDV), uma das principais ameaças fitossanitárias à cultura nos últimos anos, registou-se uma diminuição da incidência das viroses relativamente à campanha anterior. Ainda assim, a monitorização da doença e dos seus vetores continua a

ser importante para limitar os prejuízos nas campanhas seguintes.

No arroz, de um modo geral o estado fitossanitário da cultura manteve-se satisfatório, não tendo sido registadas ocorrências de pragas ou doenças com expressão generalizada ou suscetíveis de comprometer significativamente a produção. Foram, contudo, observadas algumas situações de *Pyricularia oryzae*, apesar da realização de tratamentos preventivos. Em determinadas parcelas, a doença provocou o aparecimento de necroses foliares. Constitui uma das principais doenças fúngicas do arroz, podendo, em situações de elevada incidência, provocar perdas importantes de produção. Relativamente à presença de javalis, continuaram a observar-se danos nos muretes dos canteiros, embora sem expressão. Os estragos provocados pelo espezinhamento das searas por aves, em particular pelas cegonhas, continuaram a constituir uma das principais preocupações dos produtores, sendo considerados mais relevantes do que os provocados pelo íbis. Os sistemas de afugentamento sonoro instalados nas parcelas não têm, contudo, permitido resolver eficazmente este problema, mantendo-se os prejuízos associados ao pisoteio das plantas e à consequente perda de produção.

No tomate para indústria, a pressão fitossanitária manteve-se elevada durante a fase final da campanha. A *Tuta absoluta* (traça do tomateiro) constituiu uma das principais preocupações, tendo-se observado, após o início da colheita, a deslocação das populações para as parcelas ainda por colher e um consequente agravamento dos ataques. Nas searas em final de ciclo, a intensidade dos ataques contribuiu para a deterioração e secagem das plantas. Também se verificou um aumento da presença de mosca branca e de ácaros, com particular incidência do aranhiço-vermelho, praga de elevado potencial destrutivo que pode comprometer simultaneamente a produtividade e a qualidade dos frutos. A pressão destas pragas aumentou progressivamente com o avanço da colheita, concentrando-se sobretudo nas parcelas ainda não colhidas. Foram realizados tratamentos fitossanitários de forma atempada, permitindo manter as populações destas pragas em níveis controlados durante uma parte significativa da campanha. Contudo, na fase final, a proximidade da colheita condicionou a realização de novas intervenções, nomeadamente devido ao cumprimento dos intervalos de segurança, e a disponibilidade de produtos fitofarmacêuticos com eficácia satisfatória, revelou-se limitada. Relativamente às doenças, no início do mês foram efetuados tratamentos contra o míldio, na sequência das condições de humidade e temperatura verificadas no final de agosto.

Península de Setúbal

As vinhas de uva para vinho, de um modo geral, apresentavam bom estado sanitário, não se tendo registado problemas fitossanitários de particular relevância. Nas castas tintas mais sensíveis, a ocorrência de precipitação de agosto favoreceu o aparecimento de podridão. Ocorreram situações de *Botrytis* em castas mais suscetíveis, nomeadamente na Moscatel. Relativamente a pragas, a incidência de traça dos cachos (*Cryptoblabes gnidiella*) e de traça da uva (*Lobesia botrana*) manteve-se localizada, não tendo sido registados problemas relevantes com lagartas até ao final do ciclo. A cigarrinha verde constituiu o principal problema fitossanitário na fase final. Embora tenha sido possível manter a praga controlada durante grande parte do ciclo vegetativo, verificou-se, na região, uma evolução significativa numa fase tardia, com ataques elevados e maior dificuldade de controlo, agravado pela menor eficácia dos produtos fitofarmacêuticos disponíveis no mercado. Os danos provocaram queda precoce de folhas, reduzindo a área foliar, limitando a capacidade fotossintética das plantas e, consequentemente, a acumulação de açúcares e o ganho de grau alcoólico. Salienta-se a importância em manter o controlo da cigarrinha no período pós colheita,

de forma a reduzir as populações e limitar a sua dispersão.

Nos pomares de pomóideas o estado sanitário manteve-se globalmente bom. A nível de pragas, conforme referido no mês anterior, a mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) apresentou uma incidência reduzida, significativamente inferior face a campanhas anteriores, não tendo constituído problema relevante. De salientar os danos consideráveis nos pomares provocados por javalis, nomeadamente ao nível do arranque de árvores jovens e da escavação do solo na procura de humidade, minhocas e outros organismos, provocando a exposição das raízes das árvores. Relativamente às doenças e concretamente no que diz respeito ao fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*), a seguir à colheita foram efetuadas intervenções consideráveis a nível de podas sanitárias, nas macieiras das variedades Gala e RegalYou e nas pereiras de variedade Rocha.

No que diz respeito às tangerineiras, o estado fitossanitário do pomar manteve-se satisfatório, não se verificando a ocorrência de pragas ou doenças com impacto significativo. Manteve-se a presença localizada de cochonilha, em níveis baixos e sem impacto económico relevante. Registou-se incidência reduzida de afídeos, sobretudo associada às folhas e rebentos mais jovens.

No amendoal, a situação fitossanitária manteve-se globalmente favorável. Relativamente a pragas, continuou a registar-se presença elevada de cigarrinha, com sintomas de degradação e descoloração das folhas, sobretudo na parte superior da copa. No entanto, não são esperados prejuízos relevantes na cultura e não está prevista a realização de tratamentos fitossanitários na fase pós colheita para o combate a esta praga.

Na cultura de milho para grão, de um modo geral, o estado fitossanitário das parcelas foi considerado bom. A pressão da cigarrinha verde e do vírus do nanismo foi inferior à registada na campanha anterior, situação que se relaciona com as condições meteorológicas verificadas e com as medidas de controlo. A ocorrência de lagarta manteve-se dentro de níveis considerados normais, verificando-se menor pressão nas parcelas onde foram asseguradas atempadamente as medidas de proteção da cultura. Os javalis continuam a constituir um problema relevante, com presença cada vez mais disseminada, provocando danos nas culturas. Nesta fase, com o grão mais seco, a pressão tende a ser menor, embora os animais continuem a procurar as parcelas mais atrasadas. Relativamente às infestantes, o controlo da figueira do inferno (*Datura stramonium*), foi assegurado através da manutenção das práticas adequadas. O seu controlo assume particular importância não só do ponto de vista agronómico, mas também por constituir uma exigência sanitária e comercial para a colocação da produção no mercado.

No caso do milho destinado a silagem, o estado fitossanitário foi semelhante ao observado no milho para grão, não se tendo registado diferenças relevantes na incidência de pragas e doenças.

Na cultura do arroz, de um modo geral, o estado fitossanitário foi considerado satisfatório. A evolução da *Pyricularia oryzae* foi limitada pelas condições de tempo seco e pelas temperaturas elevadas, tendo-se verificado um abrandamento da sua incidência. Relativamente às pragas, a presença de lagarta foi mais significativa no início do ciclo, tendo sido efetuados tratamentos, enquanto a presença de piolho, observada em agosto, não se manteve em setembro. Os javalis continuam a constituir o principal problema, com uma presença cada vez mais generalizada e com danos significativos, nomeadamente por pisoteio, destruição de canteiros e revolvimento do solo. Com a redução ou ausência de água nos canteiros, a sua presença diminuiu. No que diz respeito às infestantes, de salientar as milhãs (*Echinochloa* spp.), cuja presença foi considerada superior à registada no mesmo período da campanha anterior. Continuou a registar-se a presença de cegonhas e íbis-preto, que provocaram alguns danos por pisoteio e procura de alimento, embora a sua atividade tenha sido condicionada pelas temperaturas elevadas.

Mantém-se igualmente a presença de lagostins, sobretudo em situações em que a drenagem dos canteiros não é completa.

Na cultura de tomate para indústria, o estado fitossanitário manteve-se globalmente satisfatório, não tendo sido registadas ocorrências de relevo para além das situações consideradas normais para a época. No final do ciclo verificou-se um aumento da incidência de *Tuta absoluta*, cujo controlo se revelou particularmente difícil nesta fase, devido à menor eficácia dos produtos fitofarmacêuticos disponíveis no mercado. De um modo geral, a incidência de ácaros foi superior à registada na campanha anterior, sendo a de mosca branca inferior. Continuaram a registar-se danos provocados por javalis, sobretudo associados à destruição em sistemas de rega.

Na cultura da batata mantém-se o referido no relatório anterior: *"A campanha da batata precoce e de indústria decorreu sem problemas fitossanitários assinaláveis, registando-se uma reduzida incidência de míldio e de escaravelho da batateira, o que beneficiou a qualidade da batata colhida."*

Relativamente à batata estival, considerando a plantação recente e o pequeno desenvolvimento das plantas, ainda não há situações a reportar.

Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, as pastagens de sequeiro, espontâneas e semeadas, permaneceram bastante secas. Alguma emergência que se verificou a seguir à chuva que ocorreu no final de agosto, rapidamente desapareceu devido ao tempo quente e seco que caracterizou o mês.

No Alto Oeste realizaram-se cortes de milho para silagem nas searas mais adiantadas. A produtividade foi um pouco mais elevada do que no ano anterior e a qualidade encontrava-se semelhante. As plantas estavam mais secas do que habitualmente no momento do corte devido à desidratação causada pelas temperaturas elevadas, embora o menor teor de matéria verde não altere o valor nutricional da silagem. Nas searas mais tardias instaladas no Baixo Oeste, estima-se uma produtividade ligeiramente menor do que no ano anterior e uma qualidade semelhante. O corte destes milhos está previsto avançar logo no início de outubro porque as plantas estavam igualmente a ficar mais secas do que o habitual. Embora tenha havido disponibilidade de água para a cultura, foi necessário realizar uma gestão mais restritiva da rega em algumas áreas devido à diminuição dos recursos hídricos. A precipitação nos últimos dias do mês, que ocorreu em pouca quantidade, principalmente no Baixo Oeste, não alterou a necessidade de rega na cultura ainda instalada. As sementeiras de forragens de inverno são habitualmente efetuadas em outubro, pelo que algumas terras já estavam a ser preparadas com aplicação de estrume e gradagens, para a realização das sementeiras na segunda quinzena. Uns produtores planeiam instalar a área habitual, outros vão aumentar para compensar a falta de forragem do ano anterior e outros pretendem diminuir devido aos custos de produção se encontrarem muito elevados, estando a considerar o aproveitamento de forragem de nascimento espontâneo.

As condições de alimentação das espécies pecuárias mantiveram-se semelhantes a igual período do ano anterior. Os bovinos com aptidão para carne, que se encontravam no campo, continuaram a ser suplementados com fenos e rações devido à reduzida disponibilidade de alimento nas pastagens de sequeiro. As espécies pecuárias estabuladas com aptidão de leite, mantinham o habitual equilíbrio entre alimentação natural conservada (fenos, silagem e fenossilagem) e

rações industriais. Alguns produtores pecuários mantinham o reforço de silagem de milho na alimentação dos animais devido à menor qualidade do azevém armazenado. Outros, devido à subida do preço das rações, reforçaram a silagem forrageira para poderem reduzir a quantidade de alimentos concentrados. O forte aumento dos custos de produção no setor pecuário continuou a fazer-se sentir no preço dos alimentos para os animais (palha, fenos, silagens, rações industriais), no gasóleo, nos serviços agrícolas e outros. Em contrapartida a este aumento de custos, no setor do leite os produtores foram confrontados em 2026 com descidas em janeiro e agosto, do preço pago à produção, começando a ficar muito comprometido o rendimento económico da sua atividade.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro, que germinaram na última semana de agosto, devido à precipitação então ocorrida, voltaram a secar sob o efeito do calor e da ausência de precipitação ao longo do mês. Os prados de regadio permaneceram em boas condições, com um desenvolvimento vegetativo regular.

Relativamente às culturas forrageiras, no final do mês encontravam-se paradas, sem oportunidade para proceder a novos cortes para forragens, com exceção das culturas em regadio.

Quanto às condições de alimentação das espécies pecuárias, em particular dos bovinos em regime extensivo, estas baseavam-se essencialmente no consumo de forragens conservadas, nomeadamente fenossilagem. A alimentação dos animais em recria assentou na utilização de fenossilagem complementada com alimento concentrado (sistema *Unifeed*).

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as pastagens de sequeiro, embora secas continuavam a dispor de pasto suficiente para a alimentação do gado. Alguns criadores já tinham iniciado a distribuição de feno, mas ainda em pequenas quantidades. Aguardavam pelas primeiras chuvas para procederem às novas sementeiras. Os prados de regadio apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo. No início do mês começaram a ser instaladas novas sementeiras.

O milho para silagem, encontrava-se com as colheitas terminadas. As produtividades em geral ficaram alinhadas com o ano anterior, embora em algumas explorações tenham sido ligeiramente superiores e noutras um pouco menores. O milho foi colhido mais seco do que habitualmente, não interferindo, no entanto, na qualidade proteica da silagem.

Foram realizadas novas sementeiras das culturas forrageiras anuais, que se irão prolongar em outubro.

As condições de alimentação das diversas espécies pecuárias mantiveram-se, de um modo geral, idênticas a igual período do ano anterior. Os bovinos de raça brava continuavam a dispor de pasto, embora nalgumas explorações tenham sido distribuídos fenos. Os bovinos em regime extensivo, com aptidão de carne, mantinham-se em pastoreio e suplementados com fenos, à semelhança dos meses anteriores. Os animais estabulados, em especial com aptidão leiteira, mantinham os regimes alimentares habituais. Algumas explorações ainda dispunham de forragens do ano anterior e outras, habitualmente autossuficientes, realizaram compras de forragens devido à menor produção da última campanha.

Os custos de produção têm-se mantido muito elevados. Algumas explorações leiteiras adquiriram matérias primas mais baratas, como massa de cerveja e polpa de beterraba, de forma a reduzir os custos de alimentação dos animais. O rendimento dos produtores encontra-se cada vez mais limitado atendendo à descida do preço do leite em janeiro e agosto.

Na **Grande Lisboa**, os prados e as pastagens de sequeiro mantiveram-se secos, com reduzida disponibilidade de biomassa e sem atividade vegetativa significativa, situação que se prolongava desde julho, em resultado da

escassez de precipitação e das temperaturas elevadas registadas durante o período estival.

A manutenção de níveis adequados de vigor vegetativo nas pastagens de regadio esteve associada à gestão dos recursos necessários ao desenvolvimento das plantas, nomeadamente água de rega, energia, fertilizantes e produtos fitofarmacêuticos.

Nas culturas forrageiras de regadio, realizou-se o terceiro corte destinado à conservação sob a forma de fenossilagem. A qualidade do produto obtido foi considerada boa, embora inferior à do segundo corte, comportamento expectável em cortes sucessivos ao longo do ciclo produtivo. A produtividade obtida correspondeu a um aumento relativamente ao período homólogo do ano anterior. Os resultados produtivos alcançados nas culturas de regadio refletem a intensificação dos fatores de produção durante a primavera e o verão, em particular a utilização de água e energia para rega e a aplicação de fertilizantes e produtos fitofarmacêuticos, necessários para compensar as condições desfavoráveis ao crescimento das culturas.

No que respeita à instalação das culturas forrageiras de outono-inverno, durante o mês foram realizados trabalhos de preparação do solo, designadamente gradagem. Em algumas parcelas da região não foi efetuada a distribuição prévia de chorume, devido aos custos associados à mão de obra e ao consumo de combustível, bem como à indisponibilidade de maquinaria agrícola própria para a realização desta operação, que implicaria a contratação de serviços externos. Alguns agricultores da região iniciaram a sementeira de azevém.

De um modo geral, o mês de setembro ficou marcado pela conclusão da campanha produtiva de verão nas forrageiras de regadio, pela manutenção de boas condições de utilização das pastagens irrigadas e pelo início da instalação das culturas forrageiras de outono-inverno, num contexto de reduzida disponibilidade de pastagem de sequeiro.

A reduzida disponibilidade de pastagem natural de sequeiro continuou a condicionar a alimentação dos efetivos pecuários explorados em regime extensivo, tornando necessária a suplementação com feno e fenossilagem, mas ainda sem recurso a rações industriais. Esta situação foi semelhante a igual período do ano anterior.

Na **Península de Setúbal**, no final do mês as pastagens encontravam-se praticamente secas e consumidas, apresentando reduzido valor nutritivo e baixos teores de proteína. Nestas condições, deixaram de constituir uma alternativa viável para a alimentação do efetivo pecuário, aumentando a necessidade de recurso a alimentação suplementar.

Mantém-se o referido em relatórios anteriores: "*Relativamente às culturas forrageiras de outono-inverno, na produção de silagem as produtividades obtidas foram semelhantes às verificadas na campanha anterior. Em algumas situações, foi necessário antecipar os cortes, de forma a evitar a perda de qualidade da forragem por desidratação excessiva devido às elevadas temperaturas e secagem do solo. No que respeita aos fenos, os cortes decorreram maioritariamente durante os meses de junho e julho. Verificou-se um decréscimo da produtividade relativamente a 2025. O desenvolvimento vegetativo inicial foi seguido de uma evolução rápida, levando a uma maior fibrosidade do material vegetal e consequente redução da qualidade.*

Conforme referido anteriormente relativamente às culturas forrageiras de outono-inverno, a precipitação prolongada inviabilizou, em muitos casos, a realização do primeiro corte, tendo várias parcelas produzido apenas um corte. Esta redução da disponibilidade de forragem para alimentação animal durante o período de inverno aumentou a necessidade de recorrer às culturas forrageiras de primavera-verão, nomeadamente ao milho para silagem."

No final do mês, o milho destinado à produção de silagem apresentava bom desenvolvimento vegetativo e boa qualidade. A colheita foi iniciada em meados de agosto nos campos mais adiantados, entre os estádios de grão leitoso e pastoso. Os cortes continuaram em setembro, devendo estar concluídos em meados de outubro, sendo expectável uma produtividade superior à da campanha anterior.

Relativamente à erva do Sudão, as sementeiras decorreram durante os meses de maio e junho, destinando-se a produção exclusivamente ao corte para conservação. No caso da silagem foram realizados três cortes durante a campanha, em meados de julho, em agosto e o último corte em setembro. No caso da fenossilagem foram efetuados dois cortes, o primeiro em meados de agosto e o segundo em final de setembro, prolongando-se para o início de outubro. De referir que o segundo corte da erva do Sudão estava inicialmente previsto para outubro, mas foi antecipado para o final de setembro devido à pressão dos javalis. O porte elevado da cultura, à semelhança do milho, proporciona abrigo aos animais, que se concentram no interior das parcelas e provocam danos localizados e destruição de manchas de cultura. As temperaturas elevadas levaram os javalis a procurar zonas mais frescas e húmidas, nomeadamente sob os *pivots* de rega, intensificando os danos nas culturas de primavera-verão. A presença de javalis continua a constituir um problema de difícil controlo nestas culturas.

Face às referidas condições das pastagens, praticamente secas e consumidas, foi necessário recorrer à alimentação do efetivo com base em suplementação alimentar, à base de fenossilagem, fenos e palhas da produção própria deste ano ou recorrendo à aquisição.

Ao longo do mês, a disponibilidade de forragens de outono-inverno diminuiu significativamente sendo, nesta fase, as reservas muito inferiores às verificadas no ano anterior. O aprovisionamento de feno apresenta-se reduzido, prevendo-se dificuldades para o próximo período de inverno. A produção disponível encontra-se, em grande parte, destinada ao autoconsumo das explorações, não sendo, contudo, suficiente para suprir todas as necessidades. Comparativamente ao ano anterior, verifica-se uma maior procura de alimentos para o efetivo pecuário, embora a situação não seja generalizada a todas as explorações. Perante a menor disponibilidade de forragens, alguns produtores estão a recorrer a alternativas, nomeadamente às palhas de arroz, cujo preço se mantém relativamente acessível. A situação começa, contudo, a gerar preocupação entre os produtores com menor disponibilidade de alimentos para os animais.

Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

No **Oeste**, as colheitas de cereais praganosos de outono-inverno, designadamente de trigo e cevada, ficaram concluídas na primeira metade do mês de agosto. Em termos de balanço da campanha, os pontos mais marcantes foram a forte descida das áreas instaladas (já de si muito reduzidas na região) devido a fatores meteorológicos; as condições muito exigentes do ponto de vista climatérico em que decorreram os ciclos das culturas, designadamente o excesso de precipitação na fase inicial e o tempo bastante quente e seco nas fases subsequentes até à colheita; a descida da produtividade e a depreciação da qualidade de uma boa parte da produção, face às expectativas iniciais, associadas a episódios de temperaturas mais elevadas em fases sensíveis das culturas, que levaram a espigamentos precoces e a antecipação na secagem das searas; encaminhamento da maior parte da produção para rações por apresentar uma qualidade inferior, e encaminhamento de alguma produção, com melhor qualidade, para panificação e para a indústria cervejeira.

No **Médio Tejo**, a colheita das culturas cerealíferas ficou concluída em julho. Apesar do atraso face ao calendário habitual de um ano agrícola normal, a colheita decorreu com normalidade. Esta campanha caracterizou-se, em termos quantitativos, por uma produção final significativamente inferior à da campanha anterior. As áreas instaladas foram muito reduzidas e as sementeiras possíveis de realizar ocorreram bastante mais tarde do que o habitual. Porém, o desenvolvimento das culturas foi muito positivo, em resultado das favoráveis condições climatéricas e fitossanitárias verificadas nos últimos meses, que beneficiaram a capacidade produtiva destas culturas. No que respeita aos trigos, em especial no trigo mole, a produtividade foi superior comparativamente ao ano anterior. A reunião de condições favoráveis no final do ciclo destas culturas, favoreceram um adequado enchimento dos grãos, traduzindo-se na obtenção de valores de peso específico bastante satisfatórios. Os grãos apresentaram excelentes parâmetros de qualidade para a panificação. Relativamente à cevada, verificou-se uma produtividade semelhante à do ano anterior. Os grãos de cevada dística destinados à indústria cervejeira apresentaram bons parâmetros de qualidade.

Este setor atravessa um período de elevada pressão, resultante das condições adversas que têm marcado a presente campanha agrícola. Esta conjuntura agravou significativamente a vulnerabilidade económica das explorações agrícolas, já fragilizadas pelo aumento dos custos de produção associado ao contexto geopolítico internacional. Os preços dos fertilizantes e dos combustíveis, fatores essenciais para a atividade agrícola, registaram aumentos sem precedentes, acentuando a pressão sobre o setor. Esta situação torna-se particularmente preocupante num contexto em que as margens de rentabilidade já se encontravam fortemente condicionadas pelos baixos preços praticados no mercado mundial de cereais. Perante este cenário, o setor enfrenta um elevado grau de incerteza quanto à sua sustentabilidade económica e evolução futura.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as colheitas das culturas cerealíferas ficaram concluídas na primeira metade de agosto. De um modo geral, as áreas instaladas foram bastante menores do que o habitual devido aos condicionalismos climatéricos. As produtividades médias foram baixas. A qualidade dos cereais variou em função da exposição das searas ao excesso de água no solo durante o inverno. Os preços pagos ao produtor mantiveram-se baixos.

Na **Grande Lisboa**, a colheita da cevada de regadio, de ciclo curto, semeada tardiamente (em maio) decorreu em meados do mês de agosto, como referido no relatório anterior, no qual se menciona que *"Apesar do reduzido tamanho das espigas, a produtividade obtida foi superior à inicialmente expectável. O resultado alcançado poderá estar associado ao reforço da rega efetuado durante os períodos de temperaturas mais elevadas, que terá contribuído para assegurar as necessidades hídricas da cultura durante as fases determinantes para a formação e enchimento do grão."*

Na **Península de Setúbal**, o triticale foi colhido no mês de julho. Mantém-se o referido em relatório anterior: *"As condições meteorológicas adversas verificadas ao longo da campanha, em particular na fase inicial, marcada por precipitação muito elevada, condicionaram a instalação da cultura. O excesso de humidade provocou o apodrecimento de sementes e de plântulas após a sementeira, tornando necessário ressemear algumas parcelas. Por outro lado, o grão secou prematuramente, sem desenvolvimento posterior. Como consequência destas condições, o desenvolvimento da cultura foi irregular ao longo do ciclo vegetativo, refletindo-se na produtividade final, que foi inferior à registada na campanha anterior.*

Também para a aveia e trigo prevê-se um decréscimo semelhante na produtividade, face às mesmas condicionantes verificadas durante a campanha."

Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinha

No Oeste, as vinhas de uva para vinho encontravam-se vindimadas. Devido aos efeitos das condições climatéricas na cultura, verificou-se uma concentração da vindima, que decorreu em menos dias apesar de haver mais produção do que no ano anterior. O desenvolvimento de podridão e a desidratação de cachos diminuíram as perspetivas iniciais de produtividade, embora, de um modo geral, se tenham alcançado valores bastante melhores do que no ano anterior. Em termos de qualidade da uva, as chuvas de final de agosto potenciaram o aparecimento de podridões (podridão cinzenta e acética) que até então pouco se observavam. Os picos de calor durante o mês, conciliados com a baixa humidade relativa, permitiram a secagem de zonas afetadas pela podridão. Em balanço, do ponto de vista sanitário, as uvas estavam o ao mesmo nível do ano anterior, mas com graus alcoólicos prováveis significativamente superiores, mais expressivos nas castas tintas. Relativamente ao vinho, a produção irá aumentar embora seja cedo para apurar o rendimento. Há expectativas de um ano excelente de vinhos. Os brancos apresentavam acidez regular, semelhante a 2025, mas com mais grau. Os tintos apresentavam-se muito superiores a 2025 e possivelmente superiores a 2024.

Nas vinhas de uva de mesa continuaram a decorrer as colheitas das variedades mais tardias como a Dona Maria, a Palieri e a Red Globe. Com as chuvas no final de agosto, houve perda de produção devido ao desenvolvimento de podridão. As temperaturas muito elevadas na terceira semana causaram igualmente perdas de produção, que foram bastante acentuadas devido a escaldão solar. O calor também provocou desidratação dos cachos. A qualidade da produção diminuiu relativamente aos meses anteriores. Em termos gerais, mantem-se uma estimativa de produtividade mais elevada do que no ano anterior, mas mais moderada.

No Médio Tejo, as vinhas de uva para vinho, encontravam-se com a colheita praticamente concluída no final de setembro. A vindima decorreu em boas condições, apenas interrompida no período de precipitação mais forte ocorrida no fim de agosto. Observou-se, contudo, uma aproximação dos estados de maturação entre as diferentes castas, situação que não é habitual. Verificada uma campanha de muito boa produção, quer em quantidade quer em qualidade, com produtividades superiores ao ano anterior, com destaque para a excelente qualidade das uvas colhidas.

Nas vinhas para uva de mesa, a colheita deu-se por terminada nos últimos dias de setembro. Nas variedades mais precoces, estimou-se um aumento da produtividade relativamente ao ano anterior, tendo a produção colhida desde julho apresentado boa qualidade. Contudo, o mesmo não se verificou na fase final da colheita, nas variedades mais tardias, sobretudo na Red Globe e na Dona Maria, registando-se menor produtividade face ao anteriormente previsto. As temperaturas elevadas provocaram escaldão e alguma degradação qualitativa, traduzida na desidratação dos bagos e na formação de uva passa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, continuaram a decorrer as vindimas, que se realizaram com normalidade e no final do mês encontravam-se concluídas. Perspetiva-se um aumento geral de produtividade comparativamente ao ano anterior, apesar de alguma quebra face à previsão inicial, numa fase mais adiantada da vindima, devido à desidratação dos bagos e de podridão que surgiu pontualmente após a precipitação ocorrida no final de agosto. Esperam-se

vinhos de boa qualidade, à semelhança do ano anterior. Não existe ainda informação disponível relativamente ao rendimento do vinho, atendendo a que ainda se encontravam em fermentação grandes quantidades que terão de ser trasfegadas. Por esse motivo é ainda cedo para estimar a variação da produção de vinho comparativamente ao ano anterior.

Nas vinhas para uva de mesa, estava a decorrer a colheita nas variedades mais tardias. Verificou-se uma quebra de produtividade acentuada nas variedades mais sensíveis ao escaldão, como a Dona Maria e a Red Globe. No entanto, mantém-se a estimativa de um aumento da produtividade média relativamente ao ano anterior, embora menos acentuado do que inicialmente previsto.

Na Grande Lisboa, a vindima das uvas destinadas à produção de vinho ficou concluída durante o mês com a colheita das castas tintas Syrah, Castelão e Tinta Roriz, entre outras, que se apresentavam em estado de maturação fisiológica completa, reunindo condições para a realização da colheita. Em termos quantitativos, a produtividade global foi considerada boa, estimando-se um valor médio superior à da campanha anterior. Contudo, a produção das castas tintas foi, em geral, inferior à das castas brancas, refletindo, entre outros fatores, os efeitos das temperaturas elevadas e os prejuízos associados à podridão dos bagos. Apesar destes constrangimentos, foi também assinalado um ligeiro aumento da produção das castas tintas relativamente à campanha anterior. No que respeita à qualidade, a campanha apresentou resultados globalmente favoráveis, embora condicionados pelo escaldão dos frutos e pela incidência de podridão em determinadas castas. A desidratação dos bagos, provocada pelas temperaturas elevadas, poderá ter contribuído para uma maior concentração dos constituintes do mosto, perspetivando-se, numa avaliação ainda preliminar, a obtenção de vinhos com maior concentração e teor alcoólico potencial, comparativamente à campanha anterior. De um modo geral, a campanha vitivinícola superou a anterior em termos de quantidade e qualidade das uvas, perspetivando-se a produção de vinhos brancos e tintos de muito boa qualidade. Estas expectativas deverão, contudo, ser confirmadas após a conclusão dos processos de vinificação e a avaliação analítica e sensorial dos vinhos obtidos.

Relativamente à uva de mesa, a colheita decorreu durante o mês, tendo ficado concluída. A qualidade comercial da produção foi condicionada pelas temperaturas elevadas, que provocaram escaldão e desidratação dos bagos, bem como pela ocorrência de podridão cinzenta em variedades suscetíveis. Na variedade Vitória, os baixos teores de sólidos solúveis, associados ao aspeto dos bagos, constituíram igualmente um fator desfavorável à qualidade da produção. Na variedade Dona Maria, os danos intensos por escaldão traduziram-se em perdas de colheita estimadas em cerca de 50%. Na Red Globe, os estragos por escaldão terão atingido aproximadamente 40% da produção, verificando-se ainda desidratação dos bagos. Por sua vez, a variedade Sugraone registou perdas qualitativas importantes devido à incidência de podridão cinzenta. No conjunto, os efeitos adversos das condições meteorológicas e dos problemas fitossanitários sentidos ao longo da campanha, contribuíram para uma redução da produtividade média da uva de mesa relativamente à campanha anterior, com diferenças significativas entre variedades e parcelas. A campanha ficou, assim, marcada por limitações à qualidade comercial e por perdas de produção, sobretudo nas variedades mais sensíveis ao escaldão e à podridão dos bagos.

Na Península de Setúbal, após a precipitação ocorrida no final de agosto, verificou-se uma descida significativa do grau alcoólico. Posteriormente, nalguns casos, registou-se uma recuperação rápida, com aumentos pontuais de cerca de dois graus. Noutras situações a recuperação foi mais lenta ou insuficiente, com

maturação irregular e valores de grau inferiores ao esperado. A vindima decorreu de forma faseada, tendo terminado, nalguns casos, em meados de setembro. De um modo geral, encontrava-se praticamente concluída no final deste mês, permanecendo apenas algumas colheitas pontuais para o início de outubro, nomeadamente de vindima manual. A qualidade das uvas foi, de modo geral, considerada muito boa, tanto para as castas brancas como para as tintas, perspetivando-se um bom ano vitivinícola. Registaram-se teores alcoólicos elevados, por vezes acima do desejável, enquanto a acidez se apresentou equilibrada, embora em algumas situações ligeiramente baixa. Em geral, a produção de uva foi superior à da campanha anterior, sendo também superior a produção de vinho. Nalguns casos as uvas apresentaram menor dimensão, refletindo-se em rendimentos mais baixos e quebras de produção, tanto em castas brancas como nas tintas. Nos casos em que a podridão afetou as uvas, verificaram-se perdas significativas, tendo parte da produção ficado por colher. Relativamente aos vinhos, as expetativas são favoráveis. Nos brancos, as perspetivas são particularmente positivas, apontando-se para uma campanha melhor do que a de 2025 em termos de produção e qualidade. Nos vinhos tintos, apesar da ocorrência de alguma podridão, a qualidade dos vinhos é considerada boa, destacando-se a boa cor e os teores alcoólicos elevados. As intervenções na vinha após a vindima decorrerão de forma gradual, acompanhando a evolução da queda das folhas e a entrada da vinha em repouso vegetativo. A poda terá início, consoante as parcelas e a queda das folhas, entre o final de outubro e novembro, prolongando-se até janeiro ou fevereiro, podendo, em alguns casos, estender-se até março ou mesmo até abril, em que já se inicia o abrolhamento da vinha. Na região verifica-se uma utilização crescente da poda mecânica, sobretudo em explorações de maior dimensão, como resposta à dificuldade de disponibilidade de mão de obra e ao aumento dos custos associados. Relativamente à fertilização, não estão previstas aplicações generalizadas nesta fase, sendo sobretudo direcionadas para os bacelos novos. Em algumas explorações, serão efetuadas adubações em fertirrega. Em geral, está prevista a aplicação de matéria orgânica em fevereiro e março. Será igualmente assegurado o controlo de infestantes e a manutenção das estruturas de suporte da vinha. Quanto à cigarrinha verde, de um modo geral não estão previstas intervenções específicas nesta fase, considerando que o período mais adequado para o seu controlo ocorreu durante o ciclo vegetativo. Relativamente aos preços da uva para vinho pagos ao produtor, nesta fase ainda não estão definidos. As perspetivas apontam para que seja pouco provável uma valorização dos preços face a 2025, sendo expectável que os praticados nesta campanha possam ficar abaixo dos registados na anterior, apesar do aumento dos custos de produção nesta campanha.

Pomóideas

No Oeste, as colheitas de pera e maçã correram em geral bem. Em alguns casos, devido à falta de mão de obra prolongaram-se um pouco no tempo, havendo alguma pera e maçã colhida num estado de maturação mais avançado. As colheitas de pera Rocha terminaram no início do mês. Embora se tenham verificado situações diversas, de um modo geral verificou-se um acréscimo substancial de produtividade, apesar da redução do potencial produtivo associado a alguns arranques e à realização de podas sanitárias para contenção do fogo bacteriano. A qualidade dos frutos é boa, apresentando um grau *Brix* elevado, embora os calibres sejam mais baixos. O calor extremo no início de julho poderá ter um impacto negativo no processo de conservação dos frutos e levar ao aumento de perdas, mas que ainda não é possível avaliar. A colheita de maçãs das variedades Gala e Reineta ficou concluída no início do mês e no final encontravam-se em colheita as variedades mais tardias, como as Golden, RegalYou e Fuji. Devido aos períodos do mês de calor mais intenso, ocorreu escaldão solar nas variedades Reineta e Fuji, provocando prejuízos significativos em alguns pomares. O escaldão solar poderá aumentar os problemas de conservação dos

frutos. Com o evoluir das colheitas a perspetiva de produtividade melhorou ligeiramente. Embora as situações sejam diversas no campo, em termos globais prevê-se uma produtividade próxima do ano anterior. Os frutos em geral apresentavam boa qualidade com bons teores de açúcar.

Na Grande Lisboa, as variedades temporãs de macieiras, nomeadamente a Gala, atingiram a maturação adequada à colheita, tendo os produtores procedido à recolha dos frutos. Em contrapartida, as variedades tardias, designadamente a Fuji, apresentavam ainda um estado de maturação incompleto, observando-se a evolução gradual do calibre, do teor de sólidos solúveis e da coloração, parâmetros relevantes para a determinação da maturidade e da qualidade comercial dos frutos. Em termos quantitativos, estima-se para a presente campanha um aumento da produtividade média de pera e de maçã da variedade Gala, em comparação com o ano anterior. Apesar da evolução favorável em termos de produtividade, nos pomares de pereiras o aumento da pressão da psila continua a ser um aspeto a acompanhar, atendendo aos potenciais efeitos nefastos da melada e da fumagina sobre a atividade vegetativa das árvores.

Na Península de Setúbal, a colheita das maçãs terminou em meados de agosto, com boa qualidade global da produção. Os calibres foram, de um modo geral, inferiores ao desejado, embora a coloração tenha sido razoável. Os valores de grau *Brix* foram bons e superiores aos registados na campanha anterior. A colheita das peras terminou no final de agosto. A qualidade global da produção foi boa. O calibre foi médio, mais baixo que na campanha anterior. A maçã da variedade RegalYou, de maturação mais tardia, foi colhida no início deste mês. Os frutos apresentaram boas condições fitossanitárias, boa qualidade e coloração e valores excelentes de grau *Brix*. Relativamente a intervenções pós colheita, ainda não se iniciaram as podas, sendo que deverão estar concluídas até final de março ou início de abril. As estimativas apontam para uma produtividade superior à do ano passado no caso da maçã e um pouco superior no caso da pera. Relativamente aos preços pagos ao produtor, apenas serão apurados em 2027.

Prunóideas

No Oeste, as colheitas das variedades tardias de ameixas e pêssegos ficaram concluídas em agosto. A produtividade foi semelhante à de um ano normal e muito superior ao ano passado. Os frutos apresentaram bastante qualidade, com bom calibre, boa textura da polpa e grau *Brix* elevado.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, ficaram concluídas no mês anterior as colheitas das variedades mais tardias de ameixas e de pêssegos. Em termos de balanço, a produtividade foi bastante melhor do que no ano anterior e a produção, de um modo geral, apresentou boa qualidade.

Na Grande Lisboa, à semelhança do referido no mês anterior, a maioria das variedades de ameixa encontrava-se já colhida, tendo ficado concluída a principal fase de colheita da cultura no mês de agosto. Após a colheita, as árvores entraram progressivamente na fase de senescência, caracterizada pela translocação dos assimilados acumulados nas folhas para os tecidos lenhosos e órgãos de reserva. Como consequência deste processo fisiológico, observou-se a descoloração progressiva das folhas, seguida da sua queda. O estado observado é compatível com a evolução normal da cultura após a colheita e com a preparação das árvores para o período de repouso vegetativo.

Na Península de Setúbal, a colheita das ameixas terminou no final de agosto registando-se uma

produção significativamente superior à da campanha anterior. Relativamente a intervenções pós colheita, iniciaram-se as podas nas ameixeiras, que deverão estar concluídas até final de março ou início de abril.

Citrinos

No Oeste, nos pomares de limão, os frutos vingados da floração de primavera encontravam-se em crescimento e os mais adiantados a desenvolver coloração. A quantidade de frutos nas árvores, sugere um ano médio de produção. Durante o mês manteve-se a pouca quantidade de frutos prontos a colher.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall) apresentavam um estado vegetativo razoável, embora se verificassem algumas árvores um pouco desfolhadas e/ou com folhas queimadas pelo sol. Os pomares apresentavam os frutos em desenvolvimento e a iniciar a coloração. Observavam-se alguns frutos queimados pelo sol. Durante o mês continuaram a realizar-se as habituais fertilizações para a época. Em termos quantitativos estimava-se uma produtividade superior à do ano anterior, semelhante ou superior a um ano médio. Em termos qualitativos, embora ainda seja cedo para uma avaliação mais completa, registavam-se bons calibres.

Na Grande Lisboa, nos pomares de limoeiros o estado dos frutos foi condicionado pelos danos provocados pelas temperaturas elevadas e pela incidência da traça do limoeiro. O escaldão comprometeu a qualidade comercial de parte da produção, tendo, em consequência, inviabilizado a sua colheita. A ocorrência de ataques da traça nos frutos jovens, associada à queda prematura dos frutos afetados, contribuiu igualmente para a redução do potencial produtivo e da produção comercializável dos pomares. De um modo geral, a campanha encontra-se condicionada quer pelos efeitos das condições meteorológicas, quer pela pressão fitossanitária observada.

Na Península de Setúbal, no final do mês os limoeiros encontravam-se com os frutos em crescimento, com calibres normais. A colheita deverá iniciar-se no princípio de outubro, sendo que a procura é reduzida.

Nos pomares de tangerineiras, as plantações adultas prosseguiram o desenvolvimento dos frutos, verificando-se um aumento progressivo do calibre e uma evolução gradual para a maturação. Nas plantações mais jovens, continuou a observar-se desenvolvimento vegetativo, com crescimento e consolidação da copa.

Figueiras

No Médio Tejo, as colheitas dos figos vindimos em especial das variedades Pingo de Mel e Preto de Torres Novas encontravam-se finalizadas. A produção de figos vindimos de Pingo de Mel teve uma grande quebra devido à precipitação de agosto, o mesmo tendo acontecido ao figo Preto de Torres Novas. O balanço final da companha dos figos lampos das variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine, com a colheita concluída em junho, foi de uma produção superior à de um ano normal. Os figos lampos e vindimos apresentaram boa qualidade.

Na Grande Lisboa, a colheita do figo ficou concluída durante o mês de agosto, tendo os frutos apresentado qualidade adequada para comercialização, sem registo de ocorrências relevantes suscetíveis de comprometer o seu escoamento. Em termos quantitativos, a produção manteve-se globalmente em linha com a registada na campanha anterior, não se verificando variações significativas na produtividade da cultura.

Amendoal

No Médio Tejo, a colheita decorreu ao longo de setembro com normalidade. Esta foi uma boa campanha, com níveis de produção superiores aos da campanha precedente. A produtividade foi superior à registada no ano anterior. Em termos qualitativos, o miolo apresentou uma boa qualidade.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês foram finalizadas as colheitas de amêndoa. A produtividade foi boa, superior à do ano anterior. O miolo, em geral, apresentava uma boa qualidade e bom calibre. No entanto, nos pomares assolados pelas cheias do rio Tejo, a cultura ficou comprometida devido a asfixia radicular, prevendo-se o arranque de alguns pomares, sem replantação.

Na Península de Setúbal, a colheita da amêndoa foi iniciada no princípio do mês e decorreu durante cerca de duas semanas, tendo os frutos qualidade razoável. A produtividade foi superior à da campanha anterior, apesar de ser ainda insuficiente para compensar o aumento dos custos de produção. O preço foi mais elevado do que na campanha antecedente.

Nogueiral

No Médio Tejo, iniciou-se a colheita das variedades mais precoces, encontrando-se a decorrer com normalidade. Contrariamente ao esperado, preveem-se níveis de produção abaixo do expectável, tendo em conta a maturidade dos pomares, muitos dos quais já em plena produção. Ainda não é possível estimar a variação da produtividade comparativamente ao ano anterior, contudo, em termos qualitativos verificava-se uma boa qualidade dos primeiros frutos colhidos.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, foram iniciadas as colheitas nas variedades mais precoces. Estimava-se uma produtividade ligeiramente menor comparativamente com o ano anterior, incluindo os pomares em plena produção. A qualidade dos frutos colhidos é muito boa.

Olival

No Oeste, a maioria das variedades precoces e temporãs iniciaram durante o mês a completa coloração dos frutos, estado fenológico indicativo da conclusão de acumulação de azeite, embora a polpa ainda se encontrasse muito dura, dificultando o processo de extração. Por este motivo, os produtores e lagares que pretendem habitualmente obter azeites de perfil mais verde, colhendo mais cedo que o normal, atrasaram em duas semanas as suas atividades. A pouca humidade noturna não permitiu uma reidratação expressiva da azeitona e o aumento de calibre, o que se refletirá na subida do teor de matéria seca e no rendimento de azeite. O *stress* hídrico causado pelas temperaturas elevadas e pela ausência de precipitação, observado principalmente nos olivais presentes em solos delgados e pouco profundos, provocou desidratação e queda de frutos, influenciando negativamente a produtividade média nesta campanha, a qual se estima significativamente menor do que a alcançada no ano anterior. A colheita de azeitona foi iniciada nas parcelas ou variedades mais precoces. Os ataques de elevada intensidade de mosca da azeitona ocorridos em agosto provocaram perdas quantitativas e qualitativas na produção, que ainda não são quantificáveis na avaliação da produção final, devido à pouca expressão das colheitas mais precoces.

No Médio Tejo, verificou-se em meados de setembro o arranque da colheita da azeitona. Nos olivais tradicionais, a maioria das variedades precoces e temporãs iniciaram durante o mês, a completa

coloração dos seus frutos, estado fenológico indicativo da conclusão de acumulação de azeite nos mesmos, embora a polpa ainda estivesse muito rija, o que dificulta o processo de extração. A pouca humidade noturna registada, não permitiu reidratar significativamente as azeitonas e aumentar o seu calibre, o que se reflete no rendimento, verificado ligeiramente acima da média normal nesta fase do ano. A desidratação dos frutos levou a uma consequente queda dos mesmos. De forma geral, a maioria dos frutos das variedades ou parcelas precoces até agora colhidas apresentavam cicatrizes das posturas não viáveis de mosca da azeitona, embora não afete a quantidade e qualidade da produção de azeitona. Nos olivais intensivos, ao longo do mês os frutos foram amadurecendo, tendo a colheita sido iniciada ainda na penúltima semana. Nestes olivais, não se observaram impactos significativos das condições climatéricas nem da pressão fitossanitária, verificando-se um desenvolvimento regular dos frutos. Perspetiva-se, por isso, uma boa produtividade, embora ainda não seja possível aferir a sua variação face ao ano anterior. Do ponto de vista qualitativo, até ao final do mês não foram identificados problemas suscetíveis de comprometer a qualidade da produção, observando-se um bom estado sanitário e uma boa qualidade das azeitonas.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, alguns olivais de variedades precoces, como Galega e a Lentrisca, cuja maturação foi precoce, estavam em fase de colheita. Estima-se que a colheita da variedade Galega atinja o pico na segunda ou terceira semana de outubro. Nesse período prevê-se o início da colheita de azeitona das outras variedades, como a Arbequina, já com bastante implantação na região. A ocorrência de ataques de mosca da azeitona provocou danos em alguns frutos, sobretudo nos olivais tradicionais, em que é menos frequente a intervenção de tratamentos fitossanitários, ainda que não se tenham concretizado em posturas viáveis. No entanto, os azeites produzidos até ao final do mês, não revelaram problemas ao nível da qualidade organolética ou de acidez elevada. A produtividade esperada, estima-se que venha a ser superior à da campanha anterior.

Na Grande Lisboa, nas variedades mais precoces, a colheita encontrava-se em curso, enquanto a maioria das variedades temporãs e tardias apresentava uma evolução progressiva da maturação, evidenciada pela mudança de coloração dos frutos. Apesar de a coloração constituir um indicador do avanço da maturação, a polpa das azeitonas mantinha-se ainda bastante rija, podendo dificultar a extração do azeite e influenciar a eficiência do processo de laboração. A reduzida hidratação dos frutos, associada à escassez de humidade, contribuiu para o aumento relativo do teor de matéria seca, com potencial repercussão no rendimento percentual em azeite. Este efeito deverá, contudo, ser confirmado através dos resultados efetivos de extração, uma vez que o rendimento depende também do estado de maturação e do teor de gordura dos frutos. Por outro lado, o agravamento do défice hídrico no final do mês, sobretudo nos olivais instalados em solos de menor profundidade, favoreceu a desidratação e a queda de azeitonas, com possíveis reflexos negativos na produção colhida. Acrescem os danos provocados pela mosca da azeitona, que poderão afetar a qualidade dos frutos e do azeite obtido. Em termos globais, no final do mês a campanha encontrava-se numa fase de progressão da maturação e de início da colheita das parcelas mais precoces, com perspetivas de rendimento em azeite condicionadas pela evolução do estado hídrico dos olivais, pela maturação dos frutos e pela incidência da mosca da azeitona. À data, não existiam elementos suficientes para quantificar os efeitos destas condicionantes na produtividade final e na qualidade do azeite.

Na Península de Setúbal, de um modo geral a azeitona encontrava-se sã em termos fitossanitários, sem situações assinaláveis de pragas ou doenças, e com boa

qualidade. Prevê-se o início da colheita em meados ou no final de outubro, altura em que os lagares que recebem a azeitona da região deverão entrar em funcionamento. Apesar de ainda ser muito cedo, nesta fase perspetiva-se uma produtividade inferior à da campanha anterior, que foi de boa produção.

Culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão de Bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol: estado vegetativo; disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Milho de sequeiro

No Oeste, a colheita de milho de sequeiro ficou terminada antes do final do mês. A produtividade foi bastante menor do que no ano anterior, tendo sido afetada pela antecipação do fim dos ciclos produtivos devido à secagem precoce das plantas. A qualidade da produção foi boa, mas com a falta de chuva o grão ficou com calibre mais baixo, o que também afetou a produtividade. O milho colhido em setembro estava bastante seco, o que ajudou diminuir custos de secador. A produção foi destinada à alimentação animal, com a venda a fábricas de rações ou a estabelecimentos comerciais de alimentos para animais (que valorizam mais estas produções do que a indústria).

Milho de regadio

No Médio Tejo, a cultura atingiu a fase de maturação do grão e foi iniciada a colheita em meados de setembro. A colheita decorria com normalidade estando cerca de 80% das áreas colhidas. A operação realizou-se com um ritmo mais intensificado pela rápida evolução da maturação e secagem dos grãos nos campos. As altas temperaturas aceleraram a maturação e reduziram os teores de humidade dos grãos no campo. Por estarem mais secos, parte dos grãos partiam-se e perdiam-se pelos crivos das ceifeiras debulhadoras, representando alguma perda de produção. Verificava-se, no entanto, uma produtividade ligeiramente superior à obtida no ano anterior. Pelo facto dos grãos (intactos) estarem mais secos, detinham um maior peso específico. A qualidade dos grãos foi considerada boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês a cultura encontrava-se em fase de maturação fisiológica e secagem do grão, tendo evoluído muito rapidamente para a fase de colheita, devido às temperaturas elevadas que aceleraram a perda de humidade e a maturação do grão. A colheita estava a decorrer com normalidade, mas um pouco mais acelerada devido à forte secagem do milho no campo, pelo que, no final do mês, mais de 50% da área encontrava-se colhida. Colheram-se milhos com teores de humidade abaixo do convencional, o que causou quebra de peso e traduziu-se em prejuízo. Em termos de produtividade, o milho já colhido apresentava alguma heterogeneidade. Alguns campos com valores um pouco abaixo da média e outros com melhores produtividades. Em termos gerais, aparentemente estamos perante uma campanha média, com produtividades superiores às do ano anterior. O grão apresentava calibres menores devido à antecipação da retirada da rega e aos teores de humidade mais baixos devido ao calor. No entanto, de um modo geral, o milho apresentava uma boa qualidade. A secagem natural no campo contribuiu para a obtenção de teores de humidade mais baixos à entrada dos secadores, com impacto positivo na redução de custos de energia na secagem artificial.

Na Grande Lisboa, durante o mês iniciou-se a colheita de milho das sementeiras mais precoces, realizadas em abril. O escalonamento das datas de sementeira determinou a distribuição da colheita pelos meses

seguintes, prevendo-se a realização das operações nas parcelas semeadas em maio durante outubro e nas sementeiras de junho e julho durante novembro. A qualidade do milho colhido neste mês foi favorecida pelo reduzido teor de humidade do grão, situado entre 13% e 14%, o que permitiu, em geral, dispensar ou reduzir significativamente a secagem artificial. Esta situação representa uma vantagem económica para os produtores, por reduzir os custos energéticos associados à pós colheita. A diminuição da incidência das viroses relativamente à campanha anterior tem sido um aspeto favorável à cultura. Contudo, os prejuízos causados pela fauna selvagem (javalis) e o risco de contaminação por infestantes tóxicas permaneceram como condicionantes relevantes da sustentabilidade financeira da cultura, assim como o acréscimo dos custos com os fatores de produção. De salientar que não foram evidenciadas faltas de água para a rega.

Na Península de Setúbal, as sementeiras de milho de regadio decorreram desde meados de abril até meados de julho, estimando-se uma redução da área semeada relativamente à campanha anterior. As temperaturas elevadas registadas em setembro aceleraram a maturação e a secagem do grão, permitindo o avanço significativo da colheita. Nas sementeiras efetuadas em abril, a colheita iniciou-se no final de setembro, encontrando-se, em algumas parcelas, já totalmente concluída. Dependendo das datas de sementeira, noutros campos a colheita irá iniciar-se até meados de outubro, prevendo-se a sua conclusão até ao final desse mês. A qualidade do grão colhido foi considerada boa e dentro do normal, com algumas diferenças entre parcelas. A produtividade deverá apresentar, de um modo geral, valores semelhantes aos registados na campanha anterior. Contudo, em algumas parcelas verificaram-se decréscimos consideráveis, associados aos danos provocados pela presença de javalis, que afetaram o potencial produtivo da cultura. Relativamente ao preço pago ao produtor, apesar de se perspetivar um ligeiro aumento face à campanha anterior, o valor mantém-se baixo, não permitindo compensar os elevados custos de produção, que registaram um agravamento relativamente à campanha anterior. Destacam-se os custos associados aos adubos e aos produtos fitofarmacêuticos, à energia, nomeadamente com a rega, com os combustíveis, bem como nas operações de colheita e transporte. Acrescem ainda os custos de secagem do grão, com o aumento do preço do gás e das tabelas de secagem. Assim, o preço praticado é considerado insuficiente para cobrir os custos de produção, condicionando a rentabilidade da cultura e continuando a suscitar preocupação entre os produtores e no setor.

Arroz

No Oeste, os arrozais encontravam-se razoavelmente bons, apesar do elevado nível de infestantes. Os mais adiantados estavam prontos a colher e os mais atrasados a aproximarem-se desse ponto. O teor de humidade do grão situava-se entre 22% e 24%. O calor acelerou a cultura e a colheita começou mais cedo do que o previsto, tendo sido iniciada na segunda quinzena. No entanto, arrancou devagar e no final do mês encontrava-se cerca de 10% da área colhida. Nesta fase ainda muito inicial da colheita, a perspetiva é de uma produtividade semelhante ou ligeiramente menor do que no ano anterior, principalmente devido à forte presença de infestantes, mas também pela dificuldade de germinação da cultura em alguns canteiros, que se deveu à necessidade de preparação muito rápida da sementeira por estar atrasada, sem que o solo se encontrasse nas condições adequadas, ainda com muita humidade do inverno. Ainda não é possível avaliar a qualidade do arroz. No entanto, a percentagem de trinca (arroz partido) poderá aumentar pelo efeito das temperaturas elevadas, que fazem estalar mais os grãos, situação que deprecia a qualidade e o preço do arroz.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, o arroz encontrava-se predominantemente na fase de maturação e em colheita. No entanto, as searas mais atrasadas encontravam-se ainda em floração. A colheita foi iniciada no princípio do mês, com antecipação de cerca de uma semana relativamente ao período habitual, em consequência da rápida evolução da maturação provocada pelas temperaturas elevadas. No final do mês, as colheitas encontravam-se realizadas em cerca de 35% das áreas. Uma boa parte do arroz colhido apresentava teores de humidade baixos, inferiores ao convencional. A produção, de um modo geral, estava dentro dos níveis esperados, estimando-se uma produtividade um pouco mais elevada do que no ano anterior. Em termos de qualidade, embora as análises ao arroz ainda não estivessem concluídas, os dados preliminares sugeriam um aumento significativo de trincas (menor rendimento industrial).

Na Grande Lisboa, prosseguiu a colheita do arroz, encontrando-se, no final do mês, cerca de 40% da área instalada já colhida. As operações deverão prolongar-se até novembro, em função do estado de maturação das diferentes searas. A produtividade média obtida até ao final do mês, corresponde a um acréscimo relativamente à campanha anterior. Em termos qualitativos, o rendimento industrial da produção colhida até ao final do mês encontrava-se condicionado pela elevada percentagem de grãos partidos (trinca), estimada entre 18% e 20%, valor significativamente superior ao intervalo de referência habitualmente observado, situado entre 6% e 10%. A ocorrência de fissuras internas nos grãos, associada à precipitação no final de agosto e de temperaturas extremamente elevadas durante o período subsequente, terá contribuído para esta redução do rendimento da cultura. A ocorrência de acama e de desgrana, associada à precipitação registada no final de setembro, constituiu igualmente um fator de risco para a produtividade, podendo originar perdas de grão nas parcelas afetadas. De um modo geral, no final do mês a cultura apresentava um estado de desenvolvimento diferenciado entre parcelas, variando entre a floração, nas searas mais tardias, e a maturação do grão, nas mais precoces. Não foram assinaladas faltas de água para a cultura.

Na Península de Setúbal, as sementeiras decorreram desde o início de maio até à primeira quinzena de junho. A colheita do arroz foi antecipada, devido às temperaturas elevadas de setembro, que aceleraram a maturação do arroz e condicionaram a fase final de formação e enchimento do grão, podendo refletir-se no rendimento final da cultura. A colheita teve início em meados de setembro, prevendo-se o aumento do ritmo da colheita durante o mês de outubro e a sua conclusão até ao final desse mês, caso as condições meteorológicas permitam. No que diz respeito à qualidade, a avaliação definitiva permanece dependente da receção e análise do produto pela indústria. Contudo, as perspetivas são pouco favoráveis. Em algumas parcelas, nomeadamente nas zonas com maior presença de infestantes, a qualidade aparenta ser pior. Observou-se uma elevada proporção de grãos malformados e de grãos partidos, com reduzido valor comercial, o que deverá traduzir-se num baixo rendimento industrial. Assim, apesar de a colheita ainda se encontrar em curso, as perspetivas apontam para uma qualidade e rendimento inferiores ao habitual. Relativamente ao preço, perspetiva-se que seja igual ou um pouco superior ao da campanha anterior, o que em ambos os casos não paga o aumento dos custos de produção que ocorreram nesta campanha.

Grão de Bico

Na Lezíria do Tejo, a colheita encontrava-se terminada no final do mês. A produtividade foi semelhante à do ano anterior e a qualidade verificou-se média.

Feijão

No Oeste, de um modo geral, a colheita ficou concluída em agosto. Sendo a cultura praticada em sequeiro, foi afetada pelas temperaturas elevadas e pela falta de precipitação durante o ciclo vegetativo, o que limitou a produtividade e o calibre do feijão. A produtividade foi semelhante ao ano anterior, que não foi um ano bom e a qualidade foi média.

No Médio Tejo, a colheita encontrava-se em geral terminada. Em termos quantitativos estimava-se uma produtividade semelhante ao ano anterior, contudo inferior à de um ano normal. Tal como referido no mês anterior, a instalação tardia da cultura, associada a um desenvolvimento vegetativo lento devido às elevadas temperaturas, particularmente durante a fase de formação das vagens, comprometeu o seu potencial produtivo. Em algumas áreas, observou-se uma má formação dos grãos e enchimentos incompletos, fatores que contribuíram para um menor rendimento da cultura. A qualidade do feijão considerou-se razoável, com alguns sinais de detioração.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, como previsto a colheita decorreu na segunda metade do mês. Estimava-se uma produtividade muito aproximada à da campanha precedente, que apresentou valores baixos. A qualidade foi considerada média.

Tomate para indústria

No Oeste, a colheita do tomate para a indústria terminou na terceira semana. Em modo de balanço dos principais aspetos que marcaram a cultura este ano, a nota é ligeiramente negativa. A produtividade média foi menor do que no ano anterior, para a qual contribuíram decisivamente as colheitas de setembro realizadas nas parcelas instaladas em maio, cuja floração foi muito afetada pelas temperaturas extremas ocorridas no início de julho, que causaram muito abortamento floral. Além deste aspeto, a chuva no final de agosto causou perda de produção devido ao desenvolvimento de podridão no tomate, contribuindo também para baixar a produtividade. A qualidade da produção foi afetada pelo menor grau *Brix* que se verificou de forma generalizada ao longo do período de colheita. O rendimento económico da cultura foi menor este ano. Além da descida de produtividade, houve uma diminuição de preço, o qual foi estabelecido a valores inferiores aos do ano anterior na fase de celebração dos contratos com a indústria e posteriormente, devido ao menor grau *Brix*, houve uma depreciação da valorização final da produção, uma vez que o preço é referenciado àquele parâmetro de qualidade.

No Médio Tejo, a colheita decorreu com normalidade, dando-se como finalizada no final do mês. Em termos de quantidade, a expetativa inicial de produtividade muito superior ao ano anterior, ficou atenuada após as chuvas de agosto, com efetivas perdas de produção por excesso de maturação e apodrecimento de frutos (sem colheita). Verificaram-se níveis de produtividade mais baixos face ao expectável, contudo, semelhantes comparativamente à campanha precedente. A qualidade da produção foi numa primeira etapa considerada boa, sendo que na etapa seguinte, foi afetada negativamente pelo efeito das chuvas de agosto, com a aceleração da maturação dos frutos, alguns excessivamente maduros, não colhidos e os colhidos apresentaram graus *Brix* muito baixos. A indústria encerrou a presente campanha com excedente de *stocks*, existindo apreensão no setor quanto à possibilidade da descida dos preços na próxima campanha e dificuldade de suporte de custos dos fatores de produção.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita estava praticamente terminada no final do mês, prevendo-se a conclusão na primeira semana de outubro. A perspetiva inicial de uma produtividade superior à da campanha

anterior, não se concretizou após as colheitas de setembro. O mês ficou marcado pelos efeitos da precipitação ocorrida no final de agosto, designadamente pelo desenvolvimento de podridão, e por algum escaldão causado pelas temperaturas elevadas que se seguiram. Além disso, os campos colhidos em setembro, já tinham sido particularmente afetados pelas temperaturas elevadas registadas em julho, durante o período de floração, constituindo este fator mais uma das razões para a quebra de produtividade observada. Assim sendo, é estimada uma produtividade ligeiramente inferior à da campanha anterior. Relativamente à qualidade, além do grau *Brix* mais baixo, que foi uma constante durante toda a campanha, a qualidade foi normal até meados de setembro. A partir dessa altura, a qualidade diminuiu, face à depreciação substancial dos parâmetros de cor e de grau *Brix*, que levaram à rejeição de algumas entregas na indústria. A depreciação da qualidade poderá estar associada às dificuldades de maturação final, bem como à descoloração de frutos provocada pelas temperaturas elevadas. A descida do preço na contratualização do tomate e a depreciação do valor final devido ao grau *Brix* inferior ao habitual, terão um impacto bastante negativo no setor, sobretudo num contexto de agravamento contínuo dos custos dos fatores de produção.

Na Grande Lisboa, a colheita do tomate para indústria ficou concluída no final do mês. A evolução da maturação foi diferenciada entre parcelas, tendo as últimas searas apresentado maior proporção de frutos verdes e alaranjados à colheita, em resultado da senescência precoce das plantas e das condições meteorológicas adversas registadas na fase final do ciclo. A produtividade apresentou variações entre as explorações acompanhadas. Em alguns casos, a produção foi inferior à campanha anterior, enquanto noutras situações se verificaram produtividades semelhantes ou ligeiramente superiores às do ano anterior. Globalmente, as estimativas disponíveis apontam para uma campanha com produtividade próxima da observada em 2025. Em termos qualitativos, a campanha apresentou resultados inferiores aos inicialmente esperados. O teor de sólidos solúveis, medido em graus *Brix*, apresentou valores inferiores aos registados na campanha anterior. As amplitudes térmicas e a sucessão de precipitação no final de agosto e temperaturas muito elevadas posteriormente, contribuíram para a redução do teor de sólidos solúveis e para uma menor intensidade da coloração dos frutos. O grau *Brix* constitui um importante parâmetro de qualidade do tomate destinado à transformação industrial, influenciando a valorização da matéria prima entregue pelos produtores. A ocorrência de baixos teores de potássio no solo, associada às perdas de nutrientes provocadas pela elevada precipitação ocorrida durante o inverno, foi também apontada como um possível fator condicionante do teor de sólidos solúveis. Esta deficiência foi identificada numa fase avançada do ciclo vegetativo, quando a adoção de medidas corretivas apresentava eficácia limitada. Em condições normais, a correção deste tipo de deficiência pode ser efetuada, entre outras estratégias, através de aplicações foliares durante o ciclo da cultura. De um modo geral, a campanha foi condicionada pelas condições meteorológicas e pela elevada pressão fitossanitária na fase final. A conjugação de chuva no final de agosto, temperaturas muito elevadas, maior pressão de *Tuta absoluta*, mosca branca e ácaros, bem como a redução da qualidade dos frutos, penalizou sobretudo as últimas searas colhidas. Acresce a preocupação crescente dos produtores relativamente à sustentabilidade financeira da cultura. O aumento dos custos de produção, nomeadamente dos combustíveis, da energia e dos produtos fitofarmacêuticos, não tem sido acompanhado por uma evolução proporcional do preço pago pela indústria pelo tomate entregue. Esta situação tem vindo a pressionar as margens dos produtores e, em alguns casos, a suscitar dúvidas quanto à continuidade da cultura nas próximas campanhas, caso não sejam criadas condições que permitam assegurar a sua viabilidade económica. Não se verificaram constrangimentos na disponibilidade de

água para rega, tendo esta sido reforçada durante os períodos de temperaturas mais elevadas.

Na Península de Setúbal, a plantação de tomate para indústria teve início no princípio de abril, com um pequeno aumento da área plantada relativamente à campanha anterior. A colheita e a respetiva receção pela indústria iniciaram-se nos primeiros dias de agosto e terminaram no final deste mês de setembro, estimando-se uma produtividade ligeiramente superior à da campanha anterior. A qualidade do fruto foi prejudicada pelas temperaturas elevadas, sendo inferior à da campanha anterior, com valores inferiores de grau *Brix* e menos cor.

Pimento para indústria

Na Grande Lisboa, a colheita do pimento ficou concluída durante o mês, tendo-se verificado uma quebra acentuada da produção, atribuída à incidência de podridões nos frutos na sequência da precipitação ocorrida no final de agosto. Esta situação comprometeu a qualidade comercial da produção e contribuiu para a redução do volume de frutos colhidos e comercializáveis.

Girassol

No Oeste, a colheita de girassol foi ligeiramente antecipada e ficou concluída na última semana do mês. A perspetiva de aumento de produtividade face ao ano anterior não se verificou, tendo a mesma sido ligeiramente menor. A produção apresentou boa qualidade, cumprindo os parâmetros definidos para a fabricação de óleo alimentar, para onde foi encaminhada.

No Médio Tejo, as colheitas decorreram com normalidade ao longo do mês, estando praticamente finalizadas no fim de setembro. A produtividade média foi considerada razoável comparativamente a valores de referência, não podendo ser avaliada a sua variação respetivamente ao ano anterior, pelo facto de ter sido uma cultura pouco praticada nas campanhas antecedentes. A qualidade dos grãos foi muito boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita decorreu com normalidade e encontrava-se praticamente terminada no fim do mês. Em termos gerais foi obtida uma produtividade razoável, um pouco mais elevada do que no ano anterior. O grão colhido apresentava boa qualidade.

Melão

Na Lezíria do Tejo, as colheitas decorreram dentro do expectável e terminaram a meio do mês. A chuva no final de agosto prejudicou a produção das plantações tardias, onde ocorreu podridão que causou perdas significativas de frutos. No entanto, tratando-se de áreas reduzidas o impacto na produtividade média não foi significativo, a qual se confirma ter sido superior à da campanha precedente. Em termos qualitativos, verificou-se uma depreciação da qualidade dos frutos colhidos em setembro, que apresentaram uma diminuição do grau *Brix* e um nível de maturação inferior.

Na Grande Lisboa, a colheita do melão terminou no final do mês de agosto. Como referido no relatório anterior, "*A produtividade obtida foi semelhante à registada na campanha anterior, embora tenha sido condicionada pelos danos provocados por roedores, nomeadamente texugos e ratos. Relativamente à qualidade verificou-se, em alguns frutos, a ocorrência de sobrematuração.*"

Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Batata de sequeiro

No Oeste, como já referido nos meses anteriores, as colheitas de batata de sequeiro ficaram concluídas em julho. Em termos de balanço, a cultura foi condicionada pelas circunstâncias desfavoráveis em que decorreu a instalação, designadamente o excesso de água nos terrenos e o atraso nas plantações, e pelo tempo bastante quente e seco durante o desenvolvimento da cultura até à colheita. As perspetivas iniciais de produtividades superiores ao ano anterior foram diminuindo com o avanço da campanha e no final verificaram-se muito semelhantes às do último ano. A qualidade da produção foi média a fraca. Em geral, a qualidade sanitária foi boa, mas a percentagem de calibres baixos e de deformações nos tubérculos foi elevada, depreciando o seu valor comercial.

Batata de regadio

No Oeste, na batata de regadio para consumo em fresco, instalada em solos leves de areia (concelhos de Caldas da Rainha, Óbidos e Bombarral), as colheitas deram-se por terminadas em agosto. A produtividade foi considerada média e a qualidade média a boa, tendo sido uma campanha com resultados bem mais positivos do que os do ano anterior. Na batata de regadio para consumo em fresco e para a indústria, instalada em solos mais pesados (concelhos da Lourinhã e Torres Vedras), as colheitas decorreram com normalidade e ficaram concluídas no final do mês. A produtividade e a qualidade da produção colhida em setembro mantiveram níveis bastante satisfatórios, mas ligeiramente inferiores aos alcançados nos meses anteriores, verificando-se maior presença de calibres mais pequenos, verdejamento em alguns tubérculos com desenvolvimento mais superficial e desenvolvimento de podridões relacionadas com a presença de alternaria. Os resultados da campanha nestes concelhos foram bastante mais favoráveis do que no ano anterior. De um modo geral, as colheitas de batata de regadio foram tardias. O atraso na instalação da cultura, verificado nos últimos três anos devido aos invernos mais chuvosos, tem introduzido um "novo normal", com a deslocação das colheitas do período de junho, julho e agosto para agosto e setembro. Esta situação transfere o pleno desenvolvimento da cultura para os meses com temperaturas mais elevadas que naturalmente condicionam os calibres.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as colheitas de batata para a indústria correram bem e ficaram concluídas na segunda quinzena. As produtividades das colheitas de agosto e setembro foram mais baixas devido às temperaturas muito elevadas diurnas e noturnas, que anteciparam os ciclos e provocaram a paragem no desenvolvimento da cultura. A expectativa no início da campanha era de excedente de produção face aos contratos, mas a quebra nos meses de agosto e de setembro foi grande, não se concretizando o excesso de produção relativamente aos volumes contratualizados. Com a antecipação dos ciclos, os teores de matéria seca ficam mais baixos, a degradação dos açúcares fica comprometida e os calibres ficam menores. Estes três fatores são fundamentais para a qualidade da batata de indústria e foram afetados pelas temperaturas elevadas. A produção colhida em setembro refletia uma depreciação destes fatores de qualidade. Em termos médios, a produtividade foi mais elevada do que na campanha anterior e a produção apresentou melhor qualidade. As colheitas da batata para consumo em fresco ficaram terminadas no início do mês. As batatas colhidas em setembro apresentavam produtividades e qualidade inferiores às verificadas nos meses anteriores. O calor intenso fragilizou muito as batatas, tendo-se verificado muito apodrecimento em

armazém. De um modo geral, a produtividade e a qualidade da campanha foram médias.

Na Península de Setúbal, a colheita de batata para consumo terminou em junho e a da batata para indústria em julho. Mantém-se o referido em relatório anterior: "*... a batata precoce, cuja sementeira tinha sido efetuada em fevereiro e março, teve problemas na implementação da cultura e no desenvolvimento inicial, devido às condições de precipitação intensa nessa fase. No final de junho a colheita encontrava-se praticamente concluída, permanecendo apenas algumas parcelas por colher. Os calibres obtidos foram bons, situando-se acima da média habitual. As produtividades foram superiores às da campanha anterior. Sendo os encargos desta cultura muito elevados e os preços pagos à produção muito baixos e com grandes oscilações ao longo da campanha, a rentabilidade da cultura está altamente comprometida. Na batata para indústria, a sementeira decorreu entre março e abril. A colheita iniciou-se durante este mês [junho], encontrando-se praticamente concluída [em julho]. A produtividade foi superior à da campanha anterior.*"

A batata estival foi instalada a partir da segunda quinzena de agosto, até meados de setembro, com diminuição da área plantada relativamente à campanha anterior. No final do mês as plantas apresentavam bom desenvolvimento vegetativo. A colheita deverá ocorrer entre dezembro e fevereiro.

8 de outubro de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Valdonas	Alvega
Temperatura máxima (ºC)	36,8	29,9	41,2	38,6	42,6	43,4	41,4	42,1	42,4	43,4
Dia	5	20	3	3	3	3	3	3	3	3
Valor médio da temperatura máxima (ºC)	29,9	22,9	30,9	30,9	32,4	34,3	33,8	34,3	34,3	36,5
Temperatura máxima normal para a época (ºC)	25,9	–	26,3	26,6	28,1	29,0	29,0	29,5	–	30,2
Temperatura mínima (ºC)	9,2	9,7	11,4	17,7	11,7	12,1	13,9	9,8	10,8	8,1
Dia	18	19	19	2	24	24	18	26	19	18
Valor médio da temperatura mínima (ºC)	14,0	14,2	15,9	19,6	16,1	15,0	16,8	13,7	15,5	12,9
Temperatura mínima normal para a época (ºC)	13,0	–	14,4	17,6	14,8	14,2	15,4	13,1	–	12,1
Temperatura média normal para a época (ºC)	19,4	–	20,3	22,1	21,4	21,6	22,2	21,3	–	21,2
Horas de frio	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Rajada máxima de vento (Km/h)	46,1	58,0	65,2	62,3	47,9	46,1	52,9	44,6	43,6[a)]	43,2
Dia	29	29	16	16	16	29	29	29	16	29
Número de dias com precipitação	3	6	2	2	0	7	3	3	3[a)]	1
Precipitação acumulada no mês (mm)	13,6	10,4	2,7	2,7	0,0	0,8	6,5	2,0	9,0[a)]	3,9
Precipitação normal para a época (mm)	38,1	–	31,2	38,6	31,2	30,5	25,2	33,4	–	32,0
Precipitação diária máxima no mês (mm)	13,2	8,8	2,4	2,5	0,0	0,2	6,0	1,6	8,8[a)]	3,9
Dia	30	30	30	30	n/a	2	30	30	30	30
Humidade relativa diária mínima (%)	17	31	14	21	16	33	11	12	12[a)]	11
Humidade relativa diária máxima (%)	96	100	99	100	100	100	97	100	98[a)]	100

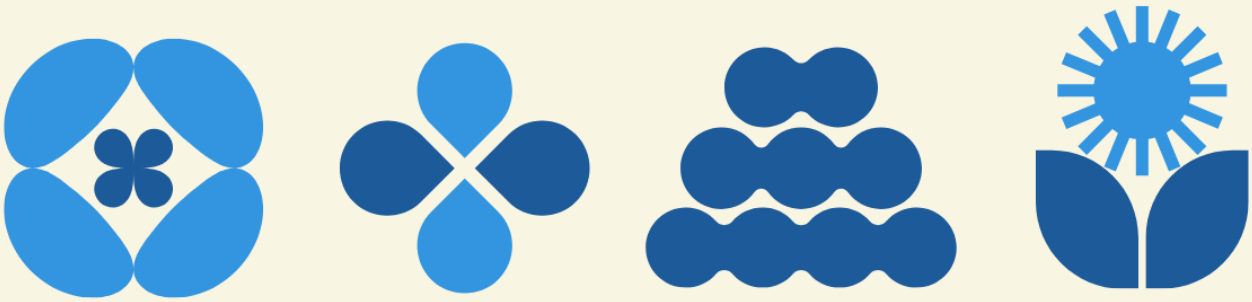
Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados no dia 3, relativamente à Precipitação Acumulada, Vento Rajada Máxima, Humidades Relativas Diárias Mínima e Máxima.

– Sem dados

n/a – Não aplicável



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, Nº37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT